

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA 1ª DE MARÇO, 28.

OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Se as palavras e as idéas destas chronicas pudésem repercutir nas altas regiões, despertando os estadistas demasiado entoxicados das emanações deleterias da politica, superexcitada pelas candidaturas á successão do sr. Rodrigues Alves, invocariamos a attenção dos homens que nos governam, para o assombroso desenvolvimento da tuberculose, impondo-nos um sinistro tributo de vidas, como demonstram os registros do obituario.

Emprehendemos, em boa hora, campanhas sanitarias contra a peste e a variola, que estão sendo juguladas, apesar da violenta reacção suscitada pelo rigor das medidas de prophylaxia; temos encerrado dentro de estreito perimetro a febre amarella, que já não é elemento do nosso descredito, e nutrimos a esperança de ser, em breve, o saneamento do Rio de Janeiro um facto indiscutivel, se não fallecerem meios ao benemerito especialista, que está conduzindo, com energia e coragem, a campanha sanitaria; mas não atacamos ainda de frente o peor inimigo, o mais terrivel e o mais insidioso, por isso mesmo que já nos familiarisamos com elle e só lhe percebemos os effeitos deleterios quando são inefficazes todos os meios conhecidos para debellal-o.

Não desconhecemos as humanitarias tentativas, como os esforços da Liga Contra a Tuberculose, que, reduzidas a meios exiguos, representa, quando muito, um protesto contra a nossa desidia, um grito de afflicção no meio da calamidade tolerada, como um mal invencivel, um mal que contagiou, definitivamente, o nosso organismo e ha de produzir uma raça de degenerados, uma raça ephemera, desfibrada, conduzindo com as taras hereditarias, o germen da inacção, da incapacidade para a obra dos nossos destinos de nação.

As medidas sanitarias empregadas para o saneamento dos domicilios infuirão, certamente, para a attenuação da tuberculose nos lares, mas não attingirão um grande fóco, onde ella prolifera e se transmite sob as proprias vistas da sciencia, ou pelas mãos dos mestres mais acatados, dos medicos mais notaveis e dos cirurgiões mais habéis, impossibilitados todos de obstar a invasão do mal domiciliado, como um minotauro, no labyrintho da praia de S. Luzia.

Resôa, como uma heresia, dizer no tom aspero da verdade, que o hospital da Santa Casa de Misericordia, que é um monumento de caridade, administrado pela mais meritoria instituição humanitaria do Brazil, a cargo de homens que lhe consagram, com um santo interesse, com uma dedicação superior a todos os louvores, o melhor de sua actividade honesta e do seu carinhoso coração, é um fóco de contagio; mas é preciso dizer a esses proprios bemfeitores desinteressados, que elles, mantendo as tradições daquella casa, os seus methodos de administração, os seus defeituosos processos hygienicos, alimentam, no sãgrado intuito de distribuir a saúde aos infelizes desprotegidos da sorte, um tremendo fóco de infecção.

Consultem-se os operadores que alli trabalham, e elles vos dirão, á puridade, porque a verdade raramente se diz em vóz alta; elles vos dirão que as feridas operatorias, por elles feitas com as mais meticulosas cautelas de asepsia, se infeccionam, que não ha alli cirurgia sem púz. Indagae dos medicos que tratam molestias do aparelho gastro-intestinal, tão frequentes na clinica hospitalar, assim como affecções da arvore respiratoria, e elles vos dirão que os seus doentes saem curados das molestias que os levaram ao hospital, mas levam consigo o germen da tuberculose que os traz, mais tarde, para alli passarem os derradeiros, tristes dias da vida.

Tem acontecido regressarem tuberculosos, individuos que fôram allí conduzidos pela policia para serem curados de lezões traumaticas, sem gravidade.

A contaminação é inevitavel em consequencia da absurda promiscuidade, mantida pela rotina, naquellas magnificas enfermarias. Não será um absurdo revoltante, contrario ás indicações mais intuitivas da sciencia e do bom senso, collocar um tuberculoso no leito visinho ao de um pneumonico, que tem os orgãos respiratorios estrumados de modo propicio para a sementeira do bacillo de Koch?

E' um absurdo; é mais do que isso: é um crime que, todavia, se perpetra allí, innocentemente, inconscientemente, como se administradores e medicos não tivéssem a minima noção do espantoso mal que toleram, que promovem e perpetuam para não alterarem um regimen incompativel com as conquistas da sciencia.

Depois, as victimas da tuberculose constituem, na grande maioria, a materia de estudo, a *anima vili* do amphitheatro de anatomia, onde os jovens estudantes se infectam nos orgãos putridos que dissecam.

—Será possivel—dirá o leitor, attento—que esses factos se reproduzam, se normalisem sob os olhos de homens benemeritos, homens de caridade e homens de sciencia? Será crível que não tenha partido dalli uma vóz, bastante sincera e ousada, para denunciar essa lamentavel situação do melhor e do mais notavel hospital do Brazil?

O leitor não leva em conta a força de habitos cimentados pela acção do tempo e, sobretudo, pela veneração aos benemeritos fins da instituição. Não leva em conta melindres interesses dos que vivem do hospital, como fonte de renda ou como fonte de reputação, de renome ou, finalmente, como o nosso mais vasto theatro clinico, onde a sciencia explora a miseria, como um mal necessario, um elemento

de estudo, de experiencias arrojadas, que seriam impossiveis na clinica civil. Esses interessados, no bom ou no máu sentido da palavra, são discretos, não trazem para o publico as funestas consequencias dos defeitos de administração tecnica, nem os desastres que alli dentro se succedem com apavorante progressão.

E, para dar uma pallida amostra da força do habito, basta affirmar que téem sido baldados todos os esforços para subordinar os exgottos da Santa Casa ao regimen geral do saneamento da cidade.

A noção mais elementar dessas coisas sanitarias indica que os dejectos de um hospital, e de um hospital daquellas colossaes proporções, deveriam, como mais nocivos, ser tratados pelo processo da *City Improvements*; todavia, a verdade é, ou era até bem pouco tempo, que os productos do serviço sanitario da Santa Casa, são lançados por conductos especiaes na bahia de Guanabara, no caés de S. Luzia, numa praia de banhos salgados!

Ninguem explica, ninguem justifica esse absurdo, senão como uma consagração da rotina, que é fonte de erros insanaveis, teimosos, recalcitrantes.

Dir-se-á, porém: que ha de fazer a Santa Casa, luctando com deficiencia de meios, recebendo, diariamente, centenas de doentes, cujo tratamento regular excederia muito á potencia do seu rico patrimonio? Rejeitar os infelizes que appellam para a sua caridade, fechar-lhes as portas para que elles vão morrer á mingua, nos recessos immundos da miseria abandonada?

A caridade exige apenas que se impeça a promiscuidade, que as enfermarias sejam isoladas conforme a natureza da molestia, de modo que um tuberculoso *in extremis* não fique visinho de um affectado dos bronchios, dos pulmões, por molestias cyclicas, curaveis, que um canceroso não fique ao lado de um herpetico, que um syphilitico não seja visinho de um doente de traumatismos, que, finalmente, se tomem as possiveis providencias para evitar contagios funestos, dadas as condições de receptividade apontadas.

Porque não invoca a benemerita administração da Santa Casa o auxilio do governo da Republica, tão empenhado na esthetica e no saneamento

do Rio de Janeiro? porque não appella para o prefeito do Districto Federal, que é um homem de máus bófes, contra a rotina, e de uma coragem heroica para emprehendimentos decisivos? porque não invoca o auxilio dessas duas forças, masculas e fecundas, para fundarem um hospicio especial para tuberculosos, como aquelle que a cidade de Pariz deliberou, ha pouco, construir?

Porque não emprehende a construção de um desses sanatorios largos, abertos, rasgados, onde penetrem, em ondas profusas, o sol e o ar, os dois unicos agentes therapeuticos efficazes na cura da tuberculose? Se se conseguisse isolar a tuberculose, conseguir-se-iam sanear as enfermarias dos hospitaes geraes e ter-se-ia emprehendido o primeiro passo para o combate a esse mal terrivel, que é o mais ferrenho inimigo da população carióca.

Nesse emprehendimento, a Santa Casa teria o auxilio e as benções de todos os homens de coração.

POJUCAN.

O SENTIMENTO TRAGICO NO SECULO XIX (1)

§ 1º

A corrente pagã-naturalista dos seculos XVI e XVII, periodo de Bacon, arrancára Shakespeare á idade média.

O estudo da natureza e o methodo experimental tinham dado, então, ao espirito humano audacias até essa epocha desconhecidas.

Si, por um lado, o homem mostrava-se aos olhos do philosopho observador e, na visão do poeta, como o espelho da natureza; por outro, se afigurava um abysmo insondavel, povoado de sombras aterradoras. Nesse abysmo, presentiam-se combates truculentos. A philosophia olhava para elle, ás vezes, cheia de assombro, porque, em verdade, nenhuma epocha do mundo se apresentára tão fertil em sublevações do espirito subterrano ou subconsciente, como a epocha anterior.

A distincção, entretanto, que a sciencia puzera, por estes tempos, entre o subjectivo e o objectivo, varrendo os idolos metaphysicos, que os habitos mentaes tinham creado em torno do homem civilisado, abriu á esthetica horisontes interminos e, todavia, luminosos.

O homem conquistára a consciencia da sua verdadeira posição, no seio do universo.

Shakespeare viveu no convivio dos

cerebros mais fortes do periodo elisabethano. E só por esse facto o seu genio, que não era o de um pensador profissional, teria attingido a culminancia mental e aquella lucidez philosophica, que tornaram possivel a clarividencia psychologica e a penetração de observador insigne dos motores passionaes da vida, universalmente reconhecidos pela critica, em suas obras dramaticas.

Foi, por possuir esse methodo, que a tragedia, em suas mãos, se transformou na visão intensissima dos motivos de obrar. Os vultos humanos, descriptos nos seus dramas, assumiram esse aspecto tragico, que, de ordinario, escapa á inspecção commum, e que se confunde com a vulgar epiderme das coisas, por onde resvalam opacamente os acontecimentos, na indifferença dos observadores banaes do ruido da vida quotidiana.

Dahi: o colorido avernesco da palavra de Macbeth; os ancinubios periclitantes do pensamento angustiado de Hamlet; as subtilizas satanicas dos aphorismos de Yago; as doçuras ultra paradisiacas dos éstos amorosos e dos olhos azues de Julieta; o riso bacchico, o cynico jogralismo de Falstaff; a eloquencia incisiva, militar e, ao mesmo tempo, terna, de Antonio; a energia funambulesca e machiavelica da perversidade de Ricardo III; a tristeza transcendental e a loucura do coração de Lear; a explosão da dynamite do ciúme no centro de um amor immenso, como o de Othelo.

Era a erupção de toda a litteratura dos tempos que correm, condensada na imaginação de um homem. E a grandeza desse genio, que se puzera de pé, graças ao influxo do Renascimento, sonbe perfeitamente medir o futuro pelo que lhe traziam os archeologos dos sublimes fragmentos da antiguidade grego-romana. O grande tragico descerrou os horisontes da arte. A sua lição era a que exactamente convinha ao mundo, que ia surgir ao influxo da resurreição do methodo.

Quanto não ficaram abaixo delle Ronsard, Pope, Dryden e todos esses copistas servis dos classicos, em cujo plectro não palpitava a vida, e que, entretanto, encheram com o barulho dos seus versos e de suas tragedias o resto do seculo XVII!

Essa canceira, pois, devia terminar.

Ao seculo XIX, coube verdadeiramente a missão de recolher a obra de exegeze anterior e coordenar o genio da modernidade. Seculo tumultuoso, tudo nelle appareceu. Todas as idéas se agitaram; todas as insobriedades se impuzeram. Nas sciencias, audacias como nunca; na arte, a clave inteira, desde o realismo photographico até á mais desenfreiada e ethérea phantasia: não houve recanto que a curiosidade

humana, desalgemada das superstições, não esmerilhasse, nem fizesse pretexto de estudos ou de divagações.

Pouco importa que alguns pessimistas, perturbados pelo furacão do progresso, ao contemplar regressões apparentes, se deixassem illudir pela refracção do movimento social e condemnassem, como Brunetière, a civilização, dando a sciencia por fallida.

A verdade é que o crescimento da obra esthetica continúa; e nunca estiveram os povos, procedentes da cultura grego-romana, tão perto de inverterem pelo «caminho tragico», aberto aos pintores da vida, pelo poeta de Stratford-on-Avon.

«Aquelles que negam o progresso na arte, diz Bourdeau, raciocinam como si o bello fôsse absoluto. Ora, o bello é essencialmente multiforme e sempre relativo. As apreciações do gosto são questão de cultura, escola, tradição, epocha, raça. Nestas condições, o progresso resulta para a arte, primeiro, da propria diversidade, — pois a sua lei, que consiste em *tornar-se outra permanecendo sempre conforme á belleza*, força-a a incessantes innovações, afim de realizar successivamente os innumerados aspectos do idéal; segundo, da propria complexidade desses aspectos, que se combinam, succedendo uns aos outros. O bello aperfeiçoa-se no discurso do tempo, porque o gosto torna-se mais comprehensivo e mais largo. A fórmula, porém, desse progresso em vez de simples e rectilínea como na sciencia, comporta regressões passageiras, phases de corrupção e de decadencia, durante as quaes se preparam as renascenças. A arte, assim, avança por cursos, e os seus apogeus são seguidos de declinios. Como em um paiz de montanhas, é preciso descer depois de ter subido, e buscar, de um viso, os mais altos cumes do idéal.» (2)

Ora, o seculo XIX teve de voltar ao movimento iniciado na era shakespeariana para, então, seguir a sua rota original. Quem chegou a estudar o Romantismo, sabe o que a liberdade de pensar e imaginar produziram. Foi uma embriaguez, uma orgia, um turbilhão de idéas, de sentimentos, de sensações.

A parte, que o individualismo de Rousseau tomou nesse movimento, violando tudo quanto em religião, politica, arte, industria, representava o pensamento abstracto da auctoridade, tem sido glosada em todos os tons. Acredito mesmo que muito se tem exaggerado a influencia do verbo morbido dessa um tanto enigmatica figura do seculo XVIII. Não cabe nesse lugar apurar, no que entende com a litteratura, o impulso que a corrente das sensações de Rousseau, mais do que a sua moral, deu á sociedade moderna, nem ainda discutir a documentação

da grande obra de Brandis, sobre as escolas della decorrentes.

O que é certo é que, si tal corrente chegou a ser dominadora, como alguns dão a perceber, essa dominação, ao tempo de Chateaubriand, no periodo seguinte, e, ainda, em 1830, quando se davam as batalhas, hoje para nós ridiculas, do Ernani, era contrabalançada por outras não menos fulminantes, embóra sem o vasto fulgor, que á primeira davam os livros de Lamartine, de Byron, de Leopardi, de Pushkine, de Hugo, de Vigny. etc.

Por entre as obras dos que se arrogavam o nome de romanticos, serpeavam producções, que nada tinham de commum com aquellas outras. Taes producções entravam no movimento secular e delle eram filhas tão legitimas como as primeiras; mas, obediavam ao espirito tragico, que se não encontrava sinão como «gesto» nos dramas e nos romances daquelles copripheus, pois que a alma verdadeira de suas composições era a *miragem da vida* e não a sua medula, «*la moille substantifique des choses*», na phrase expressiva do divino Rabelais.

Em parte, esse sentimento tragico provinha duma especie de retroacção social, resultante da catastrophe de 1794 e da matança systematica, organizada pelo genio de Napoleão.

Tolstoï no seu romance-epopéa — *Guerra e paz* — descreveu, com mão de mestre e muita ironia, essa *ressaca* historica, phenomeno que, para muita gente, ainda é um torvo enigma. Na sua opinião, em 1812, o movimento europeu produziu-se, com uma symetria extraordinaria, do Occidente para o Oriente e vice-versa. Um motim agita-se em Pariz; aggrava-se por motivos especiaes, e alastra, envolvendo quasi todas as nações visinhas. No fóco inicial da desordem, os homens se entredevoram. Súrgue Napoleão e embrulha o seu genio militar no pavilhão da gloria de uma França arvorada em nação redemptora. Esse homem levanta-se na crista do primeiro vagalhão que o destino impelle para o Oriente. A' primeira vaga, seguem outras, e mais outras; eis a Europa em movimento até que, por exgottamento, esse maremoto social encontra Moscou. E prodúz-se então, o movimento inverso, arrastando, no escoamento da força bellica, as nações intermediarias. Tudo volta ao ponto de partida, que é Pariz, e a agitação acalma-se. (3)

Acalma-se, diz Tolstoï; mas convem não esquecer que essa apparente tranquillidade era precedida de vinte annos de successos inauditos. Devastações, incendios, morticinios, batalhas sobre batalhas: e a gloria militar tripudía nos alcantis da Europa ao clarão das fogueiras de cidades, que os exercitos punham a saque. Para emigrados artistas e tambem para aquelles

que se enricavam com a deslocação das fortunas e com a nova direcção imprimida ao commercio e ás industrias, esses factos podiam efflorescer no *emmanuelismo* de que Chateaubriand deu a nota preponderante: mas, havia uma massa enorme de estropiados pelas guerras, que guardavam no fundo das suas consciencias as reminiscencias tragicas do successo das aguias francezas e de cuja retina não se destacava o quadro pavoroso de povoações inteiras esmagadas pelas patas dos dragões, que passavam, Murat á frente, na fascinante desfílada.

Junte-se a esse residuo de profundo dissabor, a anciedade que as sciencias, logo depois, crearam para a alma moderna, e ter-se-á uma vibração do espirito collectivo, surda e grave, de que serão representantes, na litteratura, aquelles que menos pensavam em discutir theses ou em alardear soffrimentos idéaes, á maneira de Werther, René, Obermann, Manfred, etc.

Entre taes representantes da tragica compenetração da vida, não é difficil distinguir, na primeira metade do seculo XIX, escriptores, que fôram, aliás, reputados secundarios. Ha um delles, em França, por exemplo, o qual, na actualidade, muito saboreado, perdia-se, durante aquelle tempo, na turba dos comparsas da litteratura. E, todavia, esse escriptor é o auctor de *Colomba*, novella, sem apparato, mas em que o sentimento da tragedia pede nieças, em dignidade de expressão, a Eschylo e a Shakespeare.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa)

(1) Este artigo constitúe um fragmento inédito do ensaio intitulado *ESTHETICA DE POE*, cujos primeiros capitulos, referentes a Eschylo, Dante e Shakespeare, fôram publicados na *Revista Brasileira*, annos de 1897-99.

(2) Bourdeau, *Théorie des sciences; plan d'une science intréegale*, II,...

(3) *Guerre et paix*, VI, 346; trad. Biensstock. Pariz, 1904.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A SYPHILIS

Num importante trabalho sobre a syphilis, lido na Academia de Medecina de Pariz, o professor Fournier affirmou que, até nova ordem, o tratamento mercurial continúa a ser o unico pratico, mas não dá, como é feito, o maximo de resultado.

O methodo empregado não se tornará mais proficuo com a duração e a intensidade: deve-se adoptar a cura mercurial a prazo ou intermittente.

Está, geralmente, admittido que é preciso que o tratamento dure, na mé-

dia, quatro annos ; mas, téem-se visto doentes, considerados curados, não ficarem ao abrigo de accidentes ultteriores, como a paralytia geral.

Empregando uma estrategia mais habil, o famoso syphilographo preconisa, no principio, um tratamento intensivo durante dois annos ; depois uma suspensão de dois annos e, no quinto, novo tratamento, seguido de outro repouso bienario e de um derradeiro tratamento, no oitavo anno.

Os dois primeiros annos são sufficientes para produzir uma calma secundaria, que não garante um futuro illimitado. As melhoras serão aproveitadas para o repouso do doente. O mercurio age como uma vaccina e, assim como a revaccinação está, sem contestação, admittida, é indispensavel *remercurialisar*, para não perder as vantagens da immundade temporaria conferida pelo remedio.

As estatisticas estabelecidas pelo professor Fournier, sobre um total de 5650 observações, demonstram que a paralytia geral é para temer no fim de seis ou nove annos. Por isso, elle estabeleceu o tratamento a prazos.

Para obter bons resultados, não basta administrar o mercurio e os iodoretos ; é indispensavel estudar, cuidadosamente, o temperamento do doente, sobretudo no ponto de vista do systema nervoso. Elle citou casos de morte occasionada por excesso de trabalho, fadiga cerebral.

A hygiene, o repouso e, principalmente, a hydroterapia constituem a melhor cura anti-nervosa.

FARIAS BRITO

VII

No capitulo V. Farias Brito desenvolve, ainda com mais amplitude, as suas idéas, tratando de estabelecer distincção entre philosophia e sciencia. Demora-se em relutar, e o faz vigorosamente, os principios basicos do positivismo. Sem desconhecer o «alto valor scientifico» e a «alta capacidade intellectual» de A. Comte, e rendendo-lhe homenagem, sobretudo na parte da sua obra em que trata este da classificacção das sciencias, affirma affoitamente o nosso auctor que o positivismo «só se póde explicar como uma das mais extraordinarias aberrações do espirito humano». Entende elle que a orthodoxia comtista e principalmente o tal culto da humanidade «nem merece discussão». E não o merece : 1.º—porque tendendo a organizar-se em egreja, revela-se em tudo exclusivista e fanatica, desconhecendo o mais nobre dos principios philosophicos—a liberdade, e a mais bella das virtudes intellectuaes—a tolerancia ; 2.º—porque com

essa religião desloca-se a questão religiosa, e a sciencia (a qual para o positivismo já absorveu a philosophia) tende a tomar o logar da religião, no intuito de pôr termo á presente anarchia mental.»

Nada, no emtanto, mais anarchico do que tudo isso. Seria possivel assignar ao systema de Comte uma funcção certa e indubitavelmente muito util no dominio espirital : a funcção que se limitasse a ir fazendo um inventario, sempre em dia, dos conhecimentos que se fóssem apurando. Como concepção philosophica, porém, a tentativa fracassou.

Em seguida, discute Farias Brito largamente a lei, a famosa *lei dos tres estados* — hoje, aliás, quasi esquecida, póde-se dizer, dos proprios discipulos de Comte. Pelo menos, já elles não se animam muito a fallar nella. Foi theoria que envelheceu e succumbiu antes de ter vigorado. Os poucos altos espiritos que vieram depois de Comte, fôram sufficientes para relegar essa supposta lei para o rol das grandes phantasias mortas. A lastimavel illusão do positivismo é certamente a de suppôr vencida, na historia do espirito humano, a phase metaphysica e acreditar que temos chegado á vigencia de uma concepção puramente positiva do mundo. E' essa a illusão suprema, á qual o proprio fundador da escola se não pôde eximir — o que aliás, explica Littré, quando confessa que «aquelles mesmos que mostram desdém pela metaphysica são, por vezes, máu grado seu, governados por ella»... Poderia Littré ter aqui citado, como exemplo, o proprio mestre. Onde foi parar, na verdade, toda a concepção *positiva*, que é o fundamento da escola, desde do instante em que A. Comte organizou o seu culto e instituiu a sua synthese subjectiva ?

Farias Brito tem uma grande palavra victoriosa quando rebate a pretensão do positivismo de limitar a esphera de toda a nossa actividade mental, e condemnando, como indigna do espirito moderno, a metaphysica. «O que se conhece do mundo—diz elle—não é sinão uma ligeira apparencia, uma fracção insignificante. Além do que se conhece, estende-se para todos os lados o illimitado, o immenso. E' o que ninguém poderá contestar. Mas, porque se veda ao espirito a exploração do desconhecido ? Não foi por tentativas identicas á da metaphysica moderna, que o espirito humano começou, sendo que foi justamente desse *exercício inutil*, de que falla Littré, que a sciencia nasceu ?»

Isto, com effeito, é de desorientar. Depois : admittamos, por hypothese, que o positivismo tivesse sido fundado... por Aristoteles e que tivesse regido estes dois mil e quasi quatrocentos annos de actividade intellectual:

as sciencias (e sem mesmo excluir as concretas) seriam ainda hoje o que eram ha vinte e tantos seculos!... Sim, fechado no dogma de Comte, o espirito humano de certo que nada mais veria além do circulo em que ficasse.

O que Farias Brito estranha e taxa até de desleal e intoleravel é « que os positivistas queiram fazer para si o monopolio do principio da relatividade do conhecimento. » « Esse principio — accrescenta — não é obra dos positivistas, estava já definitivamente estabelecido desde Kant e foi principalmente com Hamilton, um grande metaphysico, que se tornou o ponto de partida de toda a verdadeira e sã philosophia. » Pois a mim o que me espanta é que os positivistas reivindicquem para si o principio da relatividade de todo conhecimento e — contradictoriamente — admittam os limites intransgressiveis dentro dos quaes põe A. Comte *tudo quanto é possível saber*. Ora, si o conhecimento é relativo, parece evidente que a relatividade se deve medir pela extensão; pelo poder do espirito que conhece. Nem póde ser de outro modo; e sendo assim, conclúe-se que na razão do espirito que conhece está sempre o conhecimento. Mas, então, o espirito que conhece hoje alcança infinitamente mais que o espirito que conhecia ha dois mil annos (e isso sem duvida porque o positivismo não dominou durante este longo periodo...). E' daqui por deante, nada nos auctorisa a negar que continuará a ser assim.

Digamos, então : limitar hoje, portanto, a esphera do conhecimento não seria aberrar mais, não seria menos absurdo do que si a tivéssemos limitado, por exemplo, no tempo de Pythagoras. E' muita razão tem, pois, Farias Brito, quando diz : « A metaphysica não é o conhecimento do absoluto. Pelo contrario, é na metaphysica, e na metaphysica que parte do critico do mechanismo intellectual, que está a verdadeira e legitima comprehensão do principio da relatividade. »

ROCHA POMBO.

O ALMIRANTE (24)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPÍTULO XIV

Martins annunciára á marquezia, a feliz terminação do negocio, por elle apprehendido, para salvar as grandes sommas despendidas na organização do nucleo colonial Izabel, a Redemptora. Excedendo á sua espectativa, a transacção fôra um verdadeiro lance de felicidade: não só salvára o capital,

com excellente remuneração do tempo de empate, como obtivera ainda uma forte somma em acções beneficiarias, que, na opinião do Castrinho, dariam ainda muito dinheiro.

— Tem sorte v. ex., minha comadre; tem muita sorte — dizia elle á marquezia, entregando-lhe um papel com a demonstração da operação em cifras muito nitidas. — Devo, agóra, confessar que era com uma dôr no coração que via correr dinheiro para aquella empresa, a absorvel-o como um sumidouro. Meus olhos de homem, habituado aos negocios pequenos, viam com magua aquellas despezas loucas para erguer no deserto, lá naquellas mattas selvagens, uma fabrica, e entregal-a a um americano cheio de idéas extravagantes... Emfim, o dinheiro não era meu e a comadre, como senhora da sua fortuna, poderia empregal-a como muito bem lhe aprouvesse; mas, era uma coisa que não estava em mim a tentação de conter tamanhos desperdícios, com um conselho de amigo.

— O Gião — observou a marquezia, sorrindo — quasi me põe maluca com as constantes e impertinentes observações contra a fundação da usina.

— Deixe lá — continuou o Martins — que tinha razões para isso. Quando vi que v. ex., desenganada da lucta, abandonava a empresa e se retirava para a Côrte, augurei que estava tudo perdido; mas, o demonio do tal dr. Sumer fez prodigios de actividade. Aquillo, minha comadre, não é homem: é uma vontade milagrosa, incansavel, vigilante, agindo em toda a parte, nas machinas, no campo, encaminhando tudo numa ordem admiravel e conseguindo disciplinar, depois de tantas luctas, aquelle punhado de trabalhadores como um exercito automatico.

— E' o poder da intelligencia, meu compadre, a causa do milagre da producção daquella terra, havia tantos annos abandonada, como todo esse extraordinario sertão brasileiro, á estupidéz dos feitores boçaes. Os nossos fazendeiros tinham verdadeiro pavor aos progressos da sciencia e da industria. Não se lembra, você, dos nossos visinhos, que riam das nossas machinas, dessas creaturas cegas, que não admittiam o vapor com receio de perderem escravos foguistas victimados por explosões? Não se lembra você, como elles exultaram, triumphantes, quando um dos meus operarios perdeu um braço na serraria? Para elles aquelles apparatus complicados eram instrumentos de morte, de prejuizos e menos remuneradores que a tracção feita por bestas, fazendo gyrarem, lentamente, como convinha ao emperrado espirito da rotina, as moendas dos engenhos. Entretanto, pouco tempo depois, elles proprios, traziam

ás minhas machinas a colheita dos seus cannaviaes, as suas madeiras e o seu café.

— E' verdade. E a comadre deulhes muito dinheiro a ganhar. Não pense, porém, que o seu exemplo os convenceu: elles não alteram nada do seu antigo systema de lavoira; são refractarios aos exemplos, ás lições da experiencia. A ultima vez que lá estive para o balanço e prestação de contas, aquillo estava mesmo um brinco. Não ha duvida: o americano é um homem ás direitas, que v. ex. teve dedo para escolher. Agóra, com a nova organização, fica elle na gerencia com plenos poderes para promover uns tantos melhoramentos, que reputa indispensaveis para augmentar a renda.

— Fizeram muito bem: o dr. Sumer é a alma daquella empresa.

— A mim, tocou um logar na directoria: sou o gerente aqui na praça. Os meus companheiros são homens de dinheiro e de grande influencia no commercio. Creio que a empresa foi bem organizada sob os cuidados do nosso amigo sr. Souza e Mello.

— E o conselheiro?

— Tambem faz parte da directoria. Olhe que muito custou resolvel-o a acceitar, vencer os seus escrupulos. E' um conto de réis que lhe entra, todos os mezes, em casa sem trabalho.

— Fico-lhe muito grata, compadre, por todo esse trabalho...

— Não tem de que. Foi um bom, um excellente negocio, em que todos nós lucrámos, até o Gião, que se tem fartado de ganhar dinheiro, como unico negociante de seccos e molhados daquellas paragens. Imagine que elle teve meios de se fazer o fornecedor de quasi todos os fazendeiros. Se a comadre volvesse agóra ao nucleo, não reconheceria aquella venda, que começou com meia duzia de garrafas de paraty e o frége-moscas dos colonos, servido pelas duas negras. Augmentou a casa, que é hoje um armazem bem sortido, com trez rapazes portuguezes servindo de caixeiros. A Coléta está uma senhora dona, cheia de joias e de filhos: já não desce a trabalhos grosseiros de cosinha. Imagine que o Gião, depois que o dr. Sumer o obrigou a aprender a ler na escola do nucleo, não anda mais de mangas de camisa, nem tamancos: está sempre de collete, donde pende uma corrente de ouro e medalha cravejada de brilhantes, e consulta, frequentemente, um bello relógio que lhe deu o doutor, depois da ultima safra. O americano é muito amigo delle. E tudo isso, comadre, é obra sua; a tudo aquillo, áquelle milagre de progresso, está ligado o seu nome...

— E o meu coração... porque nunca me desfalleceu a crença de estar promovendo uma empresa util, muito

mais humanitaria que industrial. Deus, que me inspirou essa idéa, permittirá que ella fecunde sob os auspicios do nome abençoado que lhe serve de anjo tutellar, a serenissima Princeza.

— Agóra — proseguiu Martins, apóz breve pausa e baixando a voz ao tom de segredo — eu queria dizer á comadre que o doutor... aquelle dos cinco contos, mandou receber a ultima prestação...

— Sim, sim — acudiu a marquezia, muito sobresaltada.

— E eu não sei se...

— Pague, pague. Não quero ouvir mais falar nisso... Já estou bôa, completamente bôa.

— Muito bem. Cumprirei as suas ordens. V. ex. não manda mais nada?...

Quando o Martins ia despedir-se, entrou d. Eugenia, que se precipitou nos braços da marquezia, com os olhos razos de lagrimas, em contraste com o sorriso de ventura, que lhe borbulhava á flor dos labios.

— Que bôa, que generosa é, minha querida — balbuciou d. Eugenia.

— Não tens que me agradecer, Gininha.

— Pois não tenho? Nunca se lembraram de meu pobre marido para nada que rendesse. Eram sempre trabalhos, serviços muito honrosos, mas gratuitos... Além disso, os escrupulos, os melindres... Não imagina quanto me custou fazel-o acceitar o cargo de director: foi uma campanha; foi necessario que eu e as meninas lhe dessemos um assalto em regra...

Vencido esse primeiro obstaculo, o resto ficará por minha conta. Já pedi ao Castrinho que arranje outro cargo para o Antoninho, noutra companhia.

— Não será difficil — observou o Martins — Ellas estão agóra surgindo como por encanto. Ha dinheiro por ahí, a rôdo. E o Castrinho está mettido com a melhor gente da finança. Pois se já se falou em erguer uma estatua de ouro ao presidente do conselho!...

— Ah, senhor Martins — interrompeu d. Eugenia, num tom de desconfiança — a mim, me parece que isto não váe longe.

— Não váe? — perguntou a marquezia — E' forçoso que vá e ha de ir. Estamos assistindo ao inicio de coisas novas, de uma transformação radical muito mais importante do que supomos. Imaginem que o Imperador, doente, alquebrado como está, abdica...

— Eu pensei — tornou d. Eugenia, que a marquezia ia falar na republica...

— Que esperanza!... O governo, depois das ultimas eleições, está firme, cheio de prestigio e com força para suffocar as filaucias republicanas, que sempre viveram da tolerancia do monarcha. Senão, veja como está tratando os soldados insubordinados, mostrando-lhes que agóra ha um braço energico bastante para contel-os.

— A proposito — interrompeu o Martins — A senhora comadre sabe que está ahí o dr. Sergio de Lima...

— Sei. Foi eleito deputado pela Parahyba, e foi uma excellente aquisição para o partido. Esteve commigo logo que chegou para as sessões preparatorias da Camara. Somos velhos amigos... Recordámos os dias passados na febre do trabalho, de construcções, de transformação daquellas brenhas. Elle e o padre Paulo eram os estranhos, que me ajudavam e me alentavam o espirito, ás vezes, assaltado de crueis desfallecimentos. Ha de ir longe aquelle moço; tem a iniciativa, a energia e a coragem da raça do norte. O Oscar pensa que elle tem precocemente desenvolvidas todas as qualidades de um politico profissional: as más e as boas.

— E' um moço muito vivo — ponderou Martins.

— E se o ouvir... E' um encantador, falando... Váe ser um dos melhores oradores da Camara...

— Muito bem, senhora comadre — disse Martins, erguendo-se — Vex dá-me as suas ordens?..

— Lembranças á Marianinha. E muito obrigado... O senhor fez um magnifico negocio e beneficiou a muitos amigos...

— Até ao doutor Adeodato, que é o advogado da Companhia, por indicação do dr. Souza e Mello...

— Espere... acudiu a marquezia, retendo Martins e acompanhando-o á outra sala — Diga-me, compadre: não se fala em algum barulho, em motins da tropa...

— Qual, comadre. Ouço muito tratar dos desgostos do exercito, em questão militar, mas ninguem liga importancia a esses boatos, attribuidos a jogadores de bolsa, em busca de pretexto para especulações...

— Tenho serias preocupações... O Basson, que é um velho amigo nosso, disse-me, muito em segredo, que não está satisfeito com a situação; que alguma coisa muito séria se trama; mas o governo, demasiado confiante no seu prestigio, não participa das apprehensões do chefe de policia, muito pessimista, ou muito assustadiço...

— Não creio que haja coisas graves no ar. O commercio está satisfeito. Isso de questões militares, nós já conhecemos como achaques destes ultimos tempos, desde a morte do Apulchro de Castro; o governo afasta os cabeças para longe da Côrte que é o fóco da agitação; o Imperador, que não gosta de questões com o exercito, passa a mão pelo lombo dos mais feroces, e ficam todos mansos como uns cordeiros. Não tenha susto...

— O Maracajú é um homem bondoso, incapaz de reacções. Temos, felizmente, o ajudante general, que obedece cegamente: um soldado in-

capaz de traír, incapaz de conluios. Este e o Ladario são as melhores garantias da ordem.

— Além disso, o Deodoro é amigo do Imperador...

— Mas, é... ambicioso...

— Você é injusto, compadre. Não se lembra como acceitou a commissão para Matto Grosso, sem hesitar, sem protestar?...

— O que me tranquillisa — concluiu Martins, partindo — é que o nosso negocio está feito e acabado com todos os sacramentos. A politica não me interessa.

— A senhora está inquieta, marquezia? — perguntou-lhe d. Eugenia, quando ella regressou.

— O Martins procurou tranquillisa-me; mas, a falar verdade, tenho presentimentos... O governo parece que receia alguma coisa do exercito e da armada.

— Sim, tem empregado algumas medidas de rigor — ponderou d. Eugenia — mas não téem sido excessivas.

— Se eu pudésse influir na politica, iria direito ao fim; daria o golpe decisivo com a abdicação.

— A abdicação?...

— Sim. Para que occultar o estado do Imperador; para que enganar a nação, entregando-a á illusão de ter um chefe, quando, de facto, quem a governa são uns tantos politicos interessados em negocios financeiros?... A abdicação seria uma medida sincera, de alto alcance politico. E o paiz, assustado com as incertezas de um chefe doente, indeciso, vacillante, despertaria, cheio de confiança, amparado pelo prestigio de Izabel, a Redemptora...

— O Antonino vive a repetir que estamos sobre um vulcão e acha que o governo fez muito bem dispersando a tropa de desordeiros, enfraquecendo o elemento militar e reforçando a guarda nacional e a policia, cuja lealdade não póde ser suspeitada. Como prova de energia do governo, o Antonino apontou o caso do tenente-coronel Mallet, demittido a bem do serviço publico, apezar dos seus serviços e do nome glorioso que herdou; a exoneração do Miranda Reis... Eu, minha querida, juro na opinião do meu marido, que se não engana. E elle que diz estarmos sobre um vulcão, é porque estamos mesmo...

— Confio na Providencia, que protege o Brazil.

(Continúa)

Os Annaes

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do 1.º trimestre d'OS ANNAES

PAGINAS ESQUECIDAS

FRUCTOS PIEDOSOS

— E' teu filho, Joaquina?

— E' verdade, meu senhor.

— E esta bonita menina?...

A quem pertence esta flôr?...

— E'... minha.

— Pois tu, Gracinda,

Com tão pouca idade, tens

Uma filha assim tão linda?!
Eu dou-te os meus parabens.

— Obrigada, meu senhor.

E a gordanchuda pequena?

— Já é filha da Helena.

— E o rapaz?

— Da Leonor.

— Estaes todas já casadas?!...

— Não, senhor...

— Então?

— Morreram

Os noivos...

— Bem sei. Coitadas!

(Peccados da mocidade,

Loucuras do coração!...)

— São todas da mesma idade,

Joaquina?

— Sim... nasceram...

N'aquelle anno da missão.

* *

Ouvi dizer, Magdalena,

Que ha mezes o teu estado

A todos dava cuidado,

A muitos causava pena.

Trazias a côr do rosto

Desmaiada, e pensativa

Andavas, como captiva

Do mais intimo desgosto.

Chegára a um tal extremo

A tua melancolia

Que toda a gente dizia

Que tinhas no corpo... o demo

Depois o padre que veio,

De longes terras chamado,

Modificou esse estado

Com rezas, segundo creio.

Ha quem diga, teime e insista

Em que o demo se mudára

Num anjinho. E' coisa rara!

Foi assim? Oh que exorcista!...

AZEVEDO CASTELLO BRANCO.

* *

A ALMA

Quereis vêr o que é uma alma? Olhae (diz Santo Agostinho) para um corpo sem alma. Se aquelle corpo era de um sabio, onde estão as sciencias? Foram-se com a alma porque eram suas. A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escriptos humanos e

divinos que admiramos e excedem a admiração, tudo isto era alma.

Se o corpo é de um artifice, quem fazia viver as taboas e os marmores? Quem amollecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova fôrma e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou naquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo, e metter todo o mundo venal em uma praça? A alma.

Se o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos e as machinas bellicas, o valor, a bizarría, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, o levar na lamina de uma espada a vida propria e a morte alheia; quem fazia tudo isto? A alma.

Se o corpo é um principe, a magestade, o dominio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a justiça, todas as outras virtudes politicas, com que o mundo se governa, e de quem eram governadas, e de quem eram? Da alma.

Se o corpo é um sancto, a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zelo, a contemplação altissima das coisas divinas, os extases, os raptos, subido o mesmo peso do corpo e suspenso no ar, que maravilha! Mas isto é a alma. Finalmente, os mesmos vícios nossos nos dizem o que ella é: uma cubiça que nunca se farta, uma soberba que sempre sobe, uma ambição que sempre aspira, um desejo que nunca aquietta, uma capacidade que todo o mundo não a enche, como a de Alexandre, uma altiveza, como a de Adão, que não se contenta menos que com ser Deus.

Tudo isto que vemos com os nossos olhos é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso, a alma. Até a mesma fornosura, que parece dote proprio do corpo e tanto arrebatava e captiva os sentidos humanos: aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquelle vida, que é tudo senão alma? É senão, vêde o corpo sem ella. Aquillo que amaveis e admiraveis não era o corpo, era a alma: apartou-se o que se não via, ficou o que não se pôde ver. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de majestade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

* *

SONETOS DA DECREPITUDE

I

Quando en tinha vinte annos saluberrimos,
andava sempre a declarar ao mundo
que tinha cans, e um dissabor profundo,
e dentro d'alma uns espinhaes asperrimos.

Certos criticos, juizes integerrimos,
sorriam das canções do moribundo;
pois viam no meu rosto rubicundo
uns bócios brasileiros e uberrimos.

Que tempo! que saudades! que tolíce!
Ora, hoje que eu me sinto quebrantado
sob o peso da tremula velhice,

não digo que estou velho nem cançado;
e não gósto, se sei que o leitor disse
que o meu bigode já reluz pintado.

II

Senhoras do meu tempo, é bem notorio
que eu vos servi com lyra, harpa e laúde;
cantei-vos e chorei-me emquanto pude,
com ares de Antony, não de Tenorio.

Gastei-me entre as paixões e o escriptorio,
raivando contra amor trêdo que illude;
e protestava em prosa tosca e rude
que o escrever e o amor são purgatorio.

Depois de oitenta livros, com oitenta
raladoras paixões, já não me escapa
nem phrase nem gemido! Hoje me alenta

brilhante luz, que os olhos me destapa,
quando, senhoras, vejo essa mão benta
pedindo uma esmolinha para o Papa.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

* *

GLADSTONE

Este é o *great old man*, que teve o condão de, aos oitenta annos, concitar os maiores enthusiasmos e os maximos odios. Para uns, é um idolo; para outros, um doido. A ultima opinião prevaleceu, porque as eleições de julho derrotaram-no. Tem, ao certo, setenta e sete annos: nasceu em 29 de dezembro de 1809, quarto filho de um rico negociante de Liverpool, sir. John Gladstone. Estudou em Oxford, e, depois de uma viagem no continente europeu, entrou em 1832 na Camara, alistado no partido *tory*. Dois annos depois — contava apenas vinte e cinco — sir. Robert Peel associava-o ao seu ministerio como lord da thesouraria e mais tarde como sub-secretario das colonias. Com a queda de Peel, em 1835, voltou a occupar o seu logar na opposição conservadora.

Era, já em moço, um *representative man*, como os inglezes dizem, desse espirito firme e acanhado que produziu o *quakerismo*. Tinha o genio escossez, por tantos lados semelhante ao judeu: habil, astuto e mysticamente hirto. Sequaz do rigorismo *puseista*, Gladstone publicou, em 1838, as suas *RELAÇÕES DO ESTADO E DA EGREJA* e outras obras em que defendia a doutrina, mais logica do que politica, da separação absoluta.

O seu temperamento radical e mystico affastava-o dos *tories*. Em 1845, com as *Observações sobre a recente legislação commercial*, adheriu francamente ao liberalismo economico, que então seduziu todos os bons espiritos. Em 1851, viajou na Italia, publicando a celebre *Carta ao Conde Aberdeen*, sobre as perseguições de Fernando de Napoles, que, traduzida em todas as linguas e enviadas por lord Palmerston a todas as chancellarias, foi o primeiro rebate para a unificação da Italia.

Accentuava agóra a feição humanitaria e philantropica do seu espirito, essa feição que, depois de se pronunciar em 1876 a proposito das crueldades turcas na Bulgaria, se accentuou na protecção aos desgraçados irlandezes. Acima do patriotismo, punha a humanidade.

Com a quêda do ministerio *tory*, em 1852, entrou no gabinete de coalisção, presidido por lord Aberdeen, oppondo-se tenazmente á politica anglo-franceza, que levou á guerra da Criméa. Descido do poder, voltou ás lettras e publicou (1858) a sua bella obra sobre *Homero e os tempos homericos*.

Um anno depois, em 1859, Gladstone saíu formalmente do partido conservador para o novo ministerio liberal de Palmerston, com o cargo de chancellor do *Exchequier* ou ministro da fazenda. Essa foi, talvez, a epocha mais fecunda da carreira de Gladstone: a elle se deve a reorganisação das finanças britannicas.

A' morte de Palmerston, (1865) o antigo *tory* tomou a direcção real do partido *whig*, sendo a alma do ministerio de lord John Russel, que em 1866 teve de ceder o governo aos conservadores. Voltou ao poder como primeiro ministro, e são dessa epocha o *bill* sobre a egreja da Irlanda, o da instrucção popular, (1870) a introducção do escrutinio secreto nas eleições. Caíu em 1874, victima da franqueza da sua politica philantrophica; e, depois, não cessou de denunciar á Europa os attentados commettidos onde quer que fôssem: eram os *Horrores bulgaros*, (1876) era a sua *Campanha contra o catholicismo romano*, entre outras.

De todos os traços componentes dessa *sympathica physionomia*, ha um, predominante: o estadista philantropo. Na politica, o liberalismo levado ás

suas ultimas consequências, na diplomacia o humanitarismo, e agóra, finalmente, que as idéas do tempo mudam, o socialismo d'Estado applicado á questão rural da Irlanda — eis ahi o que diz essa fronte vasta, essa bôcca rasgada, de beiços delgados, affirmando a energia teimosa. E' um homem verdadeiramente superior? Não é; é homem pratico, levantado ás eminencias pela grandeza da sua sinceridade, do seu coração.

Alto, pontualmente barbeado, no pulso uma tira de seda preta indica aos que o ignoram que o grande chefe liberal perdeu o index da mão direita. Foi numa caçada, ha mais de quarenta annos. Ao carregar a espingarda, a vareta fez explodir a polvora, e, expellida, levou-lhe o dedo. Talvez isso o desgostasse do *sport*. Noutro tempo, ainda montava a cavallo, agóra nunca. Anda, porém, a pé como ninguem: quando era moço fazia as suas treze leguas por dia! Come pouco e bebe ainda menos, mas dorme muito, nunca menos de sete horas.

Assim que a politica o deixa, mette-se no seu palacio de Hawarden, e passa a vida a deitar arvores a baixo. O parque é enorme e admiravel; a casa, porém, é modesta. Pouco a pouco, os livros fôram invadindo tudo. E' melhor escriptor do que estadista, mas é maior orador do que escriptor. E' sobretudo, uma bella e generosa alma. Tem a eloquencia mais abundante do que castiça, mas a palavra fluente e energica brota, como a agua de uma fonte, limpida e sincera. Todavia, os inimigos accusam-no com energia e sinceridade egual. Como todos os homens possuidos de uma idéa, provoca odios vehementes e passa por maluco. Mais ou menos doido se affigura sempre á mediocridade ordinaria, todo aquelle homem que a excede. Achamos sempre loucura aquillo que não sentimos ou não percebemos. Disraeli, o sceptico de quem Churchill é hoje o herdeiro *bronillon*, ria-se da eloquencia de Gladstone e, attendendo á abundancia e tambem á qualidade pouco pura para os seus ouvidos de artista, chamava-lhe *dyarrheical*.

Eis ahi o grande personagem da tragedia irlandeza, cujos córos funebres se amontoam em massas lividas da fome, numa scena obscura, caver-

nosa, onde o assassinato e o roubo legalizado, os assaltos, a evicção e a *bogcottage*, são os episodios constantes? Como resolver a questão? Parnell, o coripheu dos Irlandezes, com setenta ou oitenta deputados proprios, operava habilmente na Camara e com milhões de homens decididos a tudo, com milhões de dollars que os *finianos* mandam da America, formava um poder monstruoso.

O' Connell ressuscitava, melhorado. Inventára-se a *Liga da terra*, substituirá-se-lhe a *Liga nacional*. Hontem reclamava-se apenas misericordia para os rendeiros, hoje reivindicava-se o *home rule*, a autonomia.

A maré galgava. Gladstone, que no seu ministerio anterior fizera as leis mallogradas do regimen das terras, (1881) deu a mão a Parnell e embarcou-se francamente na viagem de autonomia. A pobre Irlanda arfava de esperança.

Havia uma calma. Os tumultos cessavam, os assassinatos eram menos frequentes, na ancia da expectativa.

A triste Irlanda, que em 1850 tinha ainda seis milhões e meio de habitantes, contava, vinte annos depois, um milhão menos, e agóra outro milhão. Cada vinte annos, emigra ou morre um milhão de homens: cincoenta mil por anno. Isto diz tudo; isto explica a verdadeira temeridade de Gladstone pela nobreza, pela grandeza do seu coração. Para germanisar a Polonia prussa, rebelde, os allemães expropriam as terras e implantam teutões. Gladstone, porém, antes de ser um saxão inglez, é um membro da grande familia humana, e as particularidades hostis das nações valem para elle menos... do que deviam valer como ministro de uma dessas nações.

O plano de Gladstone, com relação á Irlanda, tinha duas faces: uma era a questão agraria, outra a questão politica. A primeira permittia o resgate das terras irlandezas, ampliando as leis de 1881, estabelecendo que o pagamento da renda durante vinte cinco annos, com o adicional de 2,5 p. c., tornava o rendeiro senhor do seu campo. A questão agraria nem chegou a ser discutida, porque a lei do *home-rule* precipitou a crise. Em que consistia a autonomia da Irlanda? Era, em primeiro logar, a autonomia administrativa; em se-

gundo, a independencia fiscal; em terceiro, a instituição de um parlamento; em quarto, a representação delegada no parlamento britannico. Era alguma coisa semelhante ao dualismo austro-hungaro. A Irlanda teria finanças proprias e liberdade de estabelecer alfandegas, com grave prejuizo da industria ingleza, por outro lado onerada com os encargos das operações financeiras necessarias ao resgate das terras. Este ultimo ponto, comtudo, não estava completamente liquidado.

Estava, porém, bastante explicito o pensamento de Gladstone, para que Chamberlain e Traveyan, representantes do radicalismo fabril no gabinete, protestassem e saíssem. (março) Desde logo, a sorte dos projectos de Gladstone era sabida. O primeiro ministro apresentou-se, todavia, (abril) e viu-se então este espectáculo, grandioso, de certo, de um velho de oitenta annos inspirado pela philantropia mais ardente, em lucta contra todos: contra os amigos e os inimigos, contra radicaes e *whigs*, contra Chamberlain, contra Hartington e contra os conservadores, desde Churchill, oportunista que não recusaria um accôrdo com Parnell, se esse accôrdo lhe aproveitasse pessoalmente, até Salisbury, duro e intransigente, que via no regimen coercitivo, o unico meio de resolver a questão irlandeza. E' que todos contra Gladstone sentiam gemer, na imminencia da derrocada, o velho edificio do imperio britannico. Só elle, crente e illuminado, o não via, ou não lhe importava vê-lo! Era a sua grande philantropia, o seu humanitarismo.

OLIVEIRA MARTINS.

(O anno politico europeu, em 1886).

ENTREACTOS

Quando a direcção desta revista resolveu convidar-me para escrever uma secção theatral, recuei apavorado. Já escrevo na *Gazeta*, já escrevo na *Noticia compte-rendus*, apanhados pelo chronistinha ôco de certo jornal da manhã, com um descaro quasi hyperbolico. Era de mais. A direcção, porém, pegou-me afflicta pelo hombro:

— Olha, escuta, é uma secção de reflexões...

— E' maximas, como o livro do Maricá?

— Uma secção liberrima! Pódes dizer tudo quanto tivéres vontade!

Quiz convencer a direcção.

— Minha amiga, agrada-me a honra, mas confesso: não tenho vontade de dizer nada; antes, procuro o meio possível de dizer ainda menos.

Em primeiro logar, e depois do Alberto Ramos e do Elyσιο de Carvalho, eu li o Nietzsche e reflecti um trechosinho do seu *Zarathustra*: — «On est prudent et l'ou sait tout ce qui est arrivé: c'est ainsi que l'on peut railler sans fin. On se dispute encore mais ou se reconcilie bientôt — car on ne veut pas gâter l'estomac». E' isso, é uma questão de dyspepsia!

Em segundo logar, e logo após o estomago, esta historia de critica de theatro está entre dois pólos, ambos glaciaes. De um lado, ha o Arthur, esse caro mestre, convencido e enternecedor; de outro, uns pequenotes broncos, que entendem tanto disso, como eu o grego do timido Mario de Alencar.

Ha ainda mais, amada direcção.

Deves ter notado que, de vez em quando, os jornaes começam a falar com assiduidade na regeneração theatral. E' uma doença periodica, uma especie de gripe mental. Chega de Minas a exuberante Ismenia. Chegou a grande gloria dos nossos theatros! Vamos ter uma companhia afinal.

Agóra, sim; vocês vão ver. A Ismenia tem dedo e braço para emprezaria! A Ismenia chega e monta ou o *Aquidaban* ou a *Morgadinha*, do fallecido Chagas, em que consegue ainda enfiar calções.

Os chronistas, porém, a rapaziada profundamente bronca, querendo regenerar aquillo que não entende, não desanima e elogia! A critica não é mais do que isso no Rio, tendo a sustentavel um balcão, por trás. Quando a Ismenia falla, é preciso inventar outras empresas. Inventar-se, pois, o Dias Braga com tenções de obrigar a Delorme a fazer a *Hedda Gabler*, ou esse homemsinho insupportavel chamado Colás, com capacidade de representar bem.

E' interessante como invenção? Antes pelo contrario: é profundamente cacete e como que desmoralisa o noticiario dos jornaes perante o publico. Do erro da critica e da sua completa abdicção de independencia, só téem resultado, até hoje, duas coisas; a cavallar insolencia dos cabotinos para com ella e o ar sceptico com que a olham os espectadores pagantes.

Não me metto nisso!

— Mas, se os broncos, como tu dizes, querem regenerar com o Colás ou a Delorme, volta-te para o Arthur.

— Arthur é historico e triste. No seu admiravel folhetim da *Noticia*, fala do tempo em que havia theatro. A principio, eu acreditava no Arthur e falava, aos vinte annos, com convicção,

da bella epocha de João Caetano. Mas, depois comecei a pensar que esse João Caetano podia bem ser um caso sporadico, impossivel de servir de termo comparativo. Metti-me a folhear o *Jornal* e a cachola de alguns velhos ratos de theatro, e tive informações precisas. O publico do tempo de João Caetano era peor do que é hoje. Batia com os pés, bradava, dizia mesmo piadas quando o Imperador não ia acompanhar com alguns roncões, a barbara *Gargalhada* do nosso defunto genio. O publico desse tempo tambem não enchia os theatros. João Caetano era um director de *troupe* abarbadado, ás vezes, com a falta de dinheiro. O publico ainda não frequentava e não preferia as revistas e as jogralices do Cassino, mas é da epocha, o seguinte annuncio do S. Pedro: — «Representar-se-á a tragedia do sr. W. Shakspeare, *Othello*, o *Mouro de Veneza*. N. B. — O espectáculo terminará com um *samba* dançado por toda a companhia.»

Imagemem a convicção artistica desse publico que ouve Desdemona estertorar, e a obriga depois a *sambar* com o João e os outros!

Abandonei João Caetano e não acredito mais nesse tempo *em que nós tinhamos um theatro*.

A direcção hesitou.

— Afinal de contas, nós já tivemos theatro, o Guilherme de Aguiar, o Xisto Bahia, o Vasques.

— Esses genios crearam os drama-lhões, as operetas e as comediasinhas nacionaes de pretos e caboclos, que ainda hoje são o pábulo do povinho, desde o *Poder do Ouro* até os *Sinos de Corneville*; esses genios ensinaram Dias Braga moço a representar e a ser empresario...

— Mas, se não tens respeito pelo passado e se achas broncos os meninos da regeneração, que queres tu?

— Não quero nada, ou, antes, sim, quero. E' difficil de explicar. Quero, para que o publico se habitúe a um theatro de todas as escolas a melhor, que o governo subvencione uma companhia. Ha a Lucinda ahí, a Lucinda com o Christiano, ambos refinados artistas no amor do theatro. Subvencione-os o governo, e nós teremos um movimento artificial como o tem Portugal. Todo o repertorio moderno será conhecido, homens de letras tentarão peças, e a empresa as montará. Ha tanta gente com capacidade, Coelho Netto, por exemplo, João Luzo, quantos! No dia em que o governo subvencionar o theatro ha de nos dar Arthur joias como a *Fonte Castalia*; a prodigiosa phantasia do Netto fulgará em peças de um superior encanto; Luzo se resolverá a apresentar as suas vivas qualidades de dialogo...

— Escreve isso.

— Uma vez por semana?

— Agua mólle em pedra dura.

— Direcção dos *Annaes*, lembra-te daquella phrase de Leon Bloy, num livro composto sob a invocação de São Jeronymo Maximo, inventariante cheio de gloria dos Lugares Communs Eternos: — «O authentico e indiscutivel Burguez está necessariamente limitado a um diminuto numero de lugares communs». Tanto a agua molle como a pedra dura já passaram da moda.

— Escreve o que quizéres, quando te dér na vontade; olha, o Netto lê uma peça: *A Muralha*.

— E' linda, O theatro do Netto é o theatro de um Maeterlinck do Equador, de um Ibsen tropical. As idéas jorram nos dialogos com a fulgurancia de pedrarias em patenas d'oiro. Desde esse tragico *Ao Luar*, em que a alma de Beethoven freme e

La tarentule du chaos

Guette la raison qu'elle amoce,

até o impeto formidavel de nova Nora na *Muralha*, que contorcendo a alma, rasgando o espirito de encontro ao muro de lodo, de granito, de hypocrisia e de infamia da Conveniencia Social, salta-o, despresa-o pela clara vida do trabalho honesto... Mas, para falar da *Muralha* e fazer justiça á Lucinda, esperemos que a representem.

— Faze o que quizéres, murmurou vencida a minha pobre amiga, a direcção...

E eis a razão porque tu, ó frivolo leitor, ha cinco minutos passas o indifferente olhar por estas frioleiras. Que te não dê dyspepsia, é o meu desejo, essa dyspepsia de raiva que tenho sempre ao almoço quando leio num jornal da manhã, em máu portuguez, as idéas distribuidas por mim, á tarde, num estylo capaz de fazer desmaiar o meu amigo João Ribeiro...

JOÃO DO RIO.

UMA ESTRÉA

Acaba de chegar do Recife, em cuja Faculdade vem de receber o gráu de bacharel em direito, o sr. M. G. de Araujo Jorge. Traz uma intelligencia largamente culta, um livro de 230 paginas, com o titulo de «*Problemas de Philosophia Biologica*», um mundo de aspirações de toda a natureza, e... vinte annos de idade.

Ao vel-o cheio do ardente desejo de triumphar na lucta pela vida. (tão rude no nosso meio) ainda saturado do espirito que anima o circulo intellectual de onde acaba de saír. não posso dominar um movimento da mais viva sympathia pelo joven escriptor, que tanto me faz recordar epocha identica de minha vida.

Onde já vão os vinte annos com que tambem eu desembarquei no Rio de

Janeiro, cheio de sonhos e illusões, saturado de philosophia allemã, e disposto a tomar de vencida todos os circulos politicos e litterarios do paiz! Vinha do grande cenaculo pernambucano, sobre o qual suppunha ter o paiz os olhos fitos; era amigo de Clovis Bevilaqua e Martins Junior; aureolava-me com a gloria de ser discipulo de Tobias Barreto; tinha escripto meia duzia de artigos (lidos pelos collegas da Faculdade, e que eu acreditava conhecidos do Brazil inteiro) e esperava encontrar aqui o mesmo publico do Recife, um pouco mais compacto.

Apresentado por meu fallecido irmão, o dr. Antonio Herculano de Souza Bandeira, (alma de eleição a quem devo os primeiros passos na vida publica e litteraria) tive entrada no *Paiz*, e ainda hoje conservo grata recordação da bondosa acolhida de Quintino Bocayuva, então redactor-chefe daquelle jornal. Escrevi uma série de artigos sobre Schopenhauer, cujo centenario então se celebrava. Com que anciedade espreitava, no bonde, os passageiros que liam o *Paiz*! Com que decepção os via lançarem um olhar distraído sobre o titulo e a assignatura, e virarem a pagina!

De então para cá, não tiveram conta os desgostos e as desillusões, e, perdido no torvelinho desta cidade de provincia, (que aos meus olhos de provinciano recémchegado, se affigurava uma vasta metropole) tive de recalcar as minhas magoas de *genio não comprehendido*, para tratar de ganhar a vida.

O escriptor apagou-se deante do bacharel em disponibilidade, e, durante muitos annos, deixei de me occupar de letras. Nunca, porém, esqueci a alacre disposição de espirito com que os meus saudosos vinte annos viam no Rio de Janeiro, uma cidade facil de conquistar.

E' por isso que toda a minha sympathia pelo ephebo recémchegado, toda a minha fraternal affinidade de idéas com este novel e respeitavel companheiro de armas, não pôde deixar de reflectir uma piedade immensa pelos dissabores litterarios que lhe estão reservados, nesta terra, em que os poucos que lêem, fazem-no apressadamente e sem aprofundar.

Cheio de profundas leituras, tirando ás sciencias biologicas o seu rebarbativo vocabulario, receio muito que o joven auctor da *Philosophia Biologica*, não tenha larga acceitação nos nossos circulos litterarios, gastos pela dyspepsia do symbolismo, estratificados sob varias pilhas de litteratura apressada, reduzidos á procura angustiosa da impressão forte e rapida. Não é a uma geração destas que se pôde falar, impunemente, em *dynamica vital* e em *physico-chimica*.

E muito menos quando se emprega

uma linguagem como a que passo a transcrever: « Os desfibrinados ensaios que constituem o presente volume não collimam de modo algum o esquadramento minucioso e inquisicional de problemas inteiramente novos e originaes»... «reflectem apenas ligeiras e dessoradas lucubrações, fructo das exiguas horas de lazer que a vida academica, com todos os seus multifarios attractivos e insidiosas seducções, proporciona aos menos madraços e ociosos»

Não sabe o meu joven amigo quanto me custa dizel-o. Mas, a sua linguagem corre o risco de não ser comprehendida. Elle tem, porém, bastante espirito para perceber-o, e, despindo o seu estylo dos pesados artificios que todos nós, enquanto estamos na escola, julgamos ser indispensaveis na linguagem philosophica, pôde se tornar um bom escriptor. O seu livro é uma bella promessa.

Por mais que me tente o assumpto, e, principalmente, o auctor, não farei a critica do livro. Trata-se de quatro artigos, publicados com intervallos, trez em 1902, no terceiro anno do auctor, e o ultimo nas férias do quarto anno. O auctor os reuniu em volume, e fez bem. Mas, quantas vezes não terá de modificar as opiniões nelles contidas? Elle é tão joven e, segundo confessa, na sua idade «o espirito não possui ainda a segurança de vistas e a precisão de idéas exigidas em assumptos de tal natureza.»

O primeiro e o terceiro capitulos (ou, antes, o primeiro artigo e o que um anno depois o auctor escreveu para melhor explicar o seu pensamento) são explanações, sob os titulos de «*A Biologia e a Physico-Chimica*» e «*A Dynamica Vital*» do conceito do auctor relativamente á concepção mecanica do mundo, em face dos progressos da biologia.

Impressionado com as pretensões cada vez maiores dos biologistas, com os numerosos factos referentes aos phenomenos psychicos que não podem ter uma explicação mecanica, o sr. Araujo Jorge julga em perigo a synthese monistica, e lança-se nas pégadas de varios cientistas para procurar uma solução, que concilie a intuição causativa e determinista do universo com os phenomenos excedentes da observação biologica. Em logar de procurar na biologia, a explicação da força vital, é á physico-chimica que devemos pedir a solução dos enigmas do universo.

O ponto de vista do auctor não é novo, e elle proprio, com uma louvavel franqueza, não reclama, neste ponto, as palmas da prioridade. Nada mais fez do que repetir o que leu em livros, que, aliás, estão á mão de qualquer leitor.

Por isso mesmo, não me abalança-

rei a lembrar-lhe que o monismo idealista de Lange Noiré e outros, segundo a larga tradição pantheista em que elle se baseia, de Spinoza a Schopenhauer, de Descartes a Kant, dá a verdadeira solução metaphysica da questão. E não no farei porque nada diria de novo, embora esteja convencido de que, como dizia Otto Liebmann, «voltar á Kant é progredir».

Noto, porém, que o joven escriptor dedicou, até agóra, a maior parte dos seus bem aproveitados vinte annos, á leitura dos scientistas, ao estudo das particularidades das sciencias biologicas. Dahi lhe advém, inevitavelmente, uma grande segurança de opiniões, e um aprumo, raro em um bacharel em direito, quando enfrenta as questões de sciencia particular. Haja vista o bom capitulo sobre «a Hereditariedade de influencia», ao meu parecer, o melhor do livro.

Este apêgo aos dados experimentaes, esta pratica de leituras exclusivamente biologicas, deixa, porém, o auctor quasi completamente desapercibido para fazer rosto aos problemas de alta metaphysica e de (não me péza empregar a palavra) de *teleologia*. Ahi é que as syntheses scientificas dos naturalistas se revelam inanes e impotentes. O pretencioso *impavidi progrediamur* do sabio de Iena fez uma dolorosa fallencia, quasi confessada no seu ultimo livro, «Os Enygmas do Universo». Os sabios allemães, ou insistem no desanimador *ignorabimus* de Dubois Reymond, ou, como Helmholtz, Wundt, e Donders, pendem para o criticismo kanteano.

E neste ponto, não ha para onde fugir. Ou se fica com o positivismo e o materialismo a evitar essas questões, lançando-lhes o commodo anathema de metaphysicas, ou se procuram prender as syntheses de todas as sciencias á fecunda explicação da vida universal, manifestada por uma unica força superior ás contingencias dos phenomenos, força em que nós nos sentimos integrar, e cujas apparencias se nos tornam conhecidas sob a tripla fórma do tempo, espaço e causalidade, que constituem o substracto experimental do que nós chamamos sciencia.

Pretender elevar os mesquinhos dados da biologia ou da physica a uma explicação geral do Universo, é desconhecer que no Cosmos existe alguma coisa que já Kant considerava—*Etwas mechanisch unerklärbar*.

Os dados das sciencias exactas chegam até afirmar a existencia de uma unica força, de que todas as mais são manifestações e transformações equivalentes. Não vão, porém, até investigar qual seja ella. Ahi cabe o logar á metaphysica com as ousadas hypotheses da teleologia monistica. Até lá não chegam os microscopios dos biolo-

gistas, nem os logarithmos dos experimentadores da psycho-physica.

Quando, portanto, o sympathico escriptor se tornar mais frequente com os grandes vultos da metaphysica moderna, da *theologia sem Deus*, como lhe chamou Dhüring, verá que estes problemas que tanto o affligem, já ha muitos annos téem uma explicação racional, que os scientistas sem philosophia se obstinam em desperceber.

O artigo sobre «O Genio», é interessante, mas não me convenceu. A começar pelo sub titulo, como as palavras inutilmente barbaras — *etio-megalanthropogenia*, e a terminar pela conclusão — *o genio é a resultante de um traumatismo cerebral intra ou extra-uterino*.

Ainda ahí, não vale a pena discutir, nem é este o meu intento. Não vem ao caso expôr o meu ponto de vista pessoal, nem explanar os motivos porque entendo que o genio, como phenomeno, se não pôde explicar sómente pela applicação das leis da hereditariedade, e prescindindo do estudo do mcio cosmico e social. Si me fôsse licito tornar á linguagem que tanto me sorria nos tempos academicos, (e que o auctor ainda hoje emprega com tanta segurança) eu diria que o auctor esboçou uma explicação *ontogenetica* do genio, deixando de lado a explicação *philogenetica*.

Mas, semelhante discussão seria excusada. Basta dizer que o proprio auctor assim se exprime: «A difficuldade que se nos depara na explanação do assumpto que vimos discutindo, é a da sua verificação experimental... E' de ver que esses meios nos fallecem, não pela impossibilidade da sua existencia, mas pela difficuldade da obtenção de livros que se occupem, especialmente, deste assumpto, que, como tantos outros, continúa a passar despercebido ás vistas, quasi sempre prescrutadoras, dos observadores e analyistas.»

Tanta lealdade e franqueza desarman a critica.

Vejo no sr. Araujo Jorge, um solido peculio de bôas leituras, uma excellente disposição para o trabalho, e um talento muito aproveitavel. São qualidades mais que apreciaveis e que, sem duvida, o devem realçar em um meio onde predominam a superficialidade e a indolencia.

Mas, ha no seu livro, ou, por outra, nos artigos que escreveu quando estudante, muita coisa que precisa desaparecer, e que, estou mais que certo, ha de desaparecer. Este tom dogmatico com que nós, no Recife, discutimos os assumptos mais complicados de sciencia, é perfeitamente admissivel em aspirantes ao bacharelado, que occupam os seus lazeres escrevendo sobre as leituras da vespera, em revistas ephemerias que passam de mão a mão, no velho casarão do Pateo do Collegio. Não assenta, po-

rém, no escriptor que se dirige ao grande publico, o qual não está, como o pequeno publico da Academia, sob a influencia da mesma suggestão, a que obedece o auctor.

O estylo arestoso, inçado de palavras scientificas, turgido de expressões biologicas, erizado de citações, pontilhado de barbarismos, affasta o leitor, estranho á technica complicada das sciencias naturaes. Taine, tão citado pelo auctor, é um exemplo do que affirmo. Nenhum espirito em França, levou mais longe a applicação dos methodos experimentaes aos mais altos problemas de arte, litteratura, historia, sociologia e philosophia. Entretanto, debalde se procura nelle a linguagem rebarbativa dos escriptores que se occupam de biologia. A sua lingua é simples, desataviada e pura, como a que tradicionalmente empregam os demais francezes, quando tratam de coisas communs. E nem por isso, elle deixou de ser um dos quatro ou cinco maiores escriptores da lingua franceza, no seculo passado.

Em portuguez, tambem temos uma tradição que zelar. Acompanhemos o genio da lingua, em seu evolver natural. Não no deixemos, porém, submergir no turgido gongorismo scientifico, importado, em segunda mão, de auctores estrangeiros.

Si me animo a dar ao sympathico escriptor, estes timidos conselhos, com risco de me ver applicado o conhecido anexim, é porque vejo nelle um filho do mesmo meio de onde saí, e uma victima dos mesmos defeitos com que vim de lá, e tanto mal me fizeram.

Non ignara malis, miseris succurere disco.

O sr. Araujo Jorge tem, porém, qualidades superiores que o farão sobrenadar.

Anima-me, pois, a esperanza de vel-o, em breve, despido de taes defeitos, e continuando a applicar a sua intelligencia ao estudo dos serios assumptos que tanto o interessam.

SOUZA BANDEIRA.

PREFACIO DE UM LIVRO

—
NUVENS ESPARSAS, (*versos e fantasias*) de P. Mendonça.

Recebi o manuscripto do seu livro e a carta em que me pede a minha opinião, sobre elle.

São realmente muito curiosas e agradaveis as suas lucubrações. Nellas não se nota a fórmula nem a originalidade que embelleza e suggestiona, mas a excessiva e sublime vontade de publicar e de exercitar os vocabulos portuguezes, tão indisciplinados hoje.

O sr. tratou, porventura, de rabiscar em alvas tiras de papel, com o auxilio, o carinho e a bondade da Mallat, (numero 12, talvez, mais propicios a essas coisas de idéas), as suas impressões, os seus amores e, mesmo, alguns factos verosimeis da sua mocidade, (como aquelle divino episodio do cão que o mordeu!), segundo m'o confessou em sua carta. Eu o bemdigo por tanta sinceridade! Não se preocupou, entanto, do modo de dizer semelhantes e domesticas scenas, nem da escolha da tinta que estereotypa o quadro ou revela a paysagem e o genio. Não. Sentiu vibrar o seu coração dado á amores e, com desejo e honra, transmitiu-o inteiro ao almasso. Fez bem nisso. E' a melhor maneira de ser-se exclusivamente sentimental e justo para consigo proprio. essa de gravar no aspero almasso e de esfarinhar por elle todo, toda a alma... Apezar disso, com desprazer notamos, avulta aos nossos olhos, á proporção que percorremos a sua obra, uma timidez suave e doce, louvavel ainda, todavia, pelo recato de não expôr aos olhos gulosos, a castellã soberba dos seus sonhos e os incidentes familiares. E' um estado psychologico, *concordo*... O sr. não gosta de trazer para publico, impudica e relesmente, como outros máus espiritos, as chagas cancerosas, o despeito e a affronta dos seios fartos. E o sr. o affirma, superiormente, buscando colorir e exalçar o «ephemero feminino», com um romantismo descoberto pelo sr., alinhado pelo sr., emprestando-lhe um realce puramente seu, em rimanaes e rimas duma metrica invejavelmente sua. Esse lado que, para muitos, parecerá a falsa intuição que tem o sr. da poesia e das prosas, não é mais do que o mimo, a candura e a virgindade irresgatavel da sua alma lyrica, de lyrico confesso...

Outro qualquer procuraria, apenas, enfeixar num livro, que váe correr castellos e choupanas, gritando e reformando os costumes lascivos, certa quantidade de prosa ou de verso, escolhida commeticulosidade e minucia, á feição dos taberneiros ao separar, com todo o zelo possivel, o milho do arroz, o feijão do café, collocando-os em barricas differentes, pintadas com côres diversas, onde o litro penetre desafogadamente e donde traga, apenas, a quantidade e a especie requerida pelo comprador. Ora, isto é soberanamente monotono e ridiculo, pois que a mistura e a variedade são hoje confortativa seducção e delicioso encanto. Essa mistura foi providencialmente inspirada. Neste paiz, onde poucos lêem e a maioria lê por emprestimo, difficilissima se torna a publicação de quaesquer obras. Deste modo, o meio mais prompto e seguro para conhecer-se a multipla aptidão e «os peregrinos dotes» dum estréante e obrigar-se o grosso

publico a ler, com avidéz e gozo, é, justamente, o que o sr., com tanto «engenho e arte», concebeu e adoptou, que melhor convém, não só á execrável e esmiuçadora critica, como áquella outra classe que lê por compra de outrem.

Da critica, porém, deve o sr. procurar livrar-se, por nunca se encontrarem dois espiritos com a mesma idéa, o mesmo sentimento e a mesma emotividade em arte. Ora, o sr. quer pureza, só pureza, excelsamente pureza, e detestar os beijos e os arroubos sensuaes e «o depravado minuete dos olhos»; logo deve eximir-se da critica que quer exacta, e ruidosamente, o contrario de tudo isto. Depois, sr. Mendonça, a critica esmorece. Se não fosse ella, a tyranna e incomprehen-sível critica, o sr. Mendonça, para os que apreciam o genero, teria um successo completo e quasi uma consagração. Ella sómente serve, (e para isto está sempre de sobre aviso!) para insultar e desgostar o auctor que, como o sr. Mendonça, com empenho e assombro, a procura. Dispensando-a, (assim num segundo sub titulo) terá o sr. Mendonça praticado uma bellissima acção, arrancando-lhe grave responsabilidade. *In hoc signo vinces...*

O sr. quer fazer imprimir o fructo da sua imaginação e do seu trabalho, longo e penoso, como declara. Isso conseguido, muito terá feito pelo sr. e por elle. Feche, porém, os ouvidos aos criticos, que invariavelmente se mostram severos e pandegos para as producções desse genero. Publique a sua obra, certo de que em terras destas, onde a civilização váe caminhando, quem tem vocação e é poeta e escriptor, como o auctor das *NUVENS ESPARSAS*, (*versos e fantasias*) góza, em paga, a mais amarga desillusão.

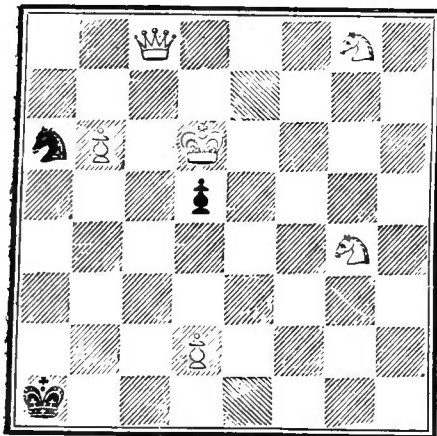
Aqui fica quem, conhecendo a sua obra, muita vontade nutre de o conhecer pessoalmente.

FRANCISCO SERRA.

DIVERSÕES

Problema n. 20

PRETAS



BRANCAS

As brancas jogam, e dão mate em trez movimentos.

A CAMINHO DO NADA

Ah! que tumultuar mysterioso de idéas!
Mas, a idéa que eu tinha era a de ver-me andando
Por um caminho atróz, de bárathros e teias,
A penumbra de um sol no Occaso agonisando.

Um frio tumular corria-me nas veias;
E eu não sei se andava ou se ia cambaleando,
Pois dos meus rudes pés fugiam-me as areias
Desse caminho atróz que a Dôr ia cavando.

Reparei-me, e afinal achei-me amortalhado:
Mãos em cruz sobre o peito, atramente gelado,
E á minha bôcca um goivo, e o Fél abrindo espumas!

Hora do pállio rôxo e triste da Anciedade,
Em que eu via morrer a minha mocidade
Na agonia feral de um luar entre brumas.

ARAÚJO FIGUEIREDO.

A SÊCCA

Crucificando o olhar beatissimo no espaço,
Passam boís, a mugir, na costumeira lida.
Fulgura, abraza o sol; e o vento, morno e escasso,
Quasi não libra no alto a leve poeira erguida.

Tudo sêcca ao redór. Peste desconhecida
Dizíma as plantações. Um temeroso ameaço,
Por sobre os arrozaes, inda cheios de vida,
Anda nos bafos do ar, como uma foíce e um braço.

O' sêcca vil, cruel, ó roubadora d'agua,
Vê como canta anciante, aza caída em prantos,
Este passaro azul, moribundo de magua!

Um viuvo—de tristeza a encher todo o caminho...
Pois já fôram por dois cantados os seus cantos
E entrançadas por dois as palhas do seu ninho.

FRANCISCO LISBÔA FILHO.

SACRIFICIO

Ando em torno de tí, a voltear como o insecto
Que em torno de uma luz volteia e se debate,
Os flancos me lacera um lubrico acicate,
O espirito me conta um panico secreto.

Que ancía atróz me envenena! O' tortura! Inquieto
Sustento do terror o rispido combate,
Ancía de haurir, num hausto, esse labio escarlata,
Terror de te polluir, urna do meu affecto!

Que uma vez conspurcado, o teu corpo envileces,
Do intangível perdendo o privilegio, e logo
Do claro pedestal em que te adoro descés.

Meu beijo não pollúe a estatua que venero,
A insolita amargura em lagrimas afógo
E a serpe da lascívia estúpida encarcero!

A. J. ALVES DE FARIAS.

A LIVRARIA

VICIOS DA NOSSA LINGUAGEM MEDICA—
THESE INAUGURAL — DR. PEDRO AN-
TONIO BASILIO—1904.

Do trabalho do novo clinico se póde asseverar que preenche a celebre lacuna tão assignalada no prefacio das obras didacticas. O alentado volume, de mais de trezentas paginas, collige o que andava, alhures, disperso em artigos e em livros. E' de estranhar que o auctor, reunindo esses materiaes, nos privasse, muitissimas vezes, de conhecer o seu conceito individual: não raro defronta opiniões antagonicas, mas não as discute, e nem por uma dellas se decide. O processo, recommendavel em certas exposições scientificas, não parece ter aqui cabimento, tanto mais quanto o dr. Pedro Basilio mostra não ser um neophyto nos complexos assumptos de que se occupou.

Dividiu em 8 partes a dissertação inaugural:

- 1º Dos vicios em relação ao genero.
- 2º Dos vicios que se referem sómente á graphia.
- 3º Dos vicios que se referem sómente á prosodia.
- 4º Dos vicios que se referem á graphia, prosodia e fórma.
- 5º Denominações improprias.
- 6º Hybridismos.
- 7º Vícios de traducção.
- 8º Dos termos que não téem equivalentes em portuguez.

De cada paragrapho, muito haveria que dizer, mas em nosso designio pódem apenas caber ligeirissimos reparos, de quem de taes materias bem pouco entende. A censura ao hybridismo em geral é, sem contestação, credora de applauso. Pacheco Junior, sempre judicioso, affirmava que «a hybridade das palavras scientificas é uma vergonha para os sabios». E desse numero ha tantas e tão inuteis e tão inopportunas! Basta lembrar *terminologia*, que tem o excellent substitutivo em *tecnologia*, vocabulo de pura origem hellenica. O dr. Basilio encontra, emtanto, alguma desculpa á criação de *puerimetro* e quejandos. Francamente, sem o ridiculo *amour du grec*, de que chasqueava o grande humorista, sobram incontesteveis recursos para fugir a taes monstregos linguisticos.

Quanto á prosodia de termos de origem grega, talvez que as regras inflexiveis pouco valham. Desde Whitney, os factos referentes á «vida da linguagem» como organismo vivo, ou, ao menos, como «organisação», no dizer de Gidding, já não pódem ser desconhecidos. Porque conservarmos na lingua portugueza do seculo XX, a mesma pronuncia e o mesmo genero das palavras gregas? O regresso aos velhos moldes será talvez seu tanto possivel na tecnologia, mas cairá irre-

mediavelmente, como já baqueou, na evolução geral da lingua... Recorde-mo-nos tão só da prosodia de nomes proprios (Socrates, Solon, Demosthenes, etc.) e veremos a impraticabilidade de taes empresas... E quanto nos revela a tal respeito, uma doutissima annotação da *Selecta Classica* do sr. João Ribeiro, o illustre philologo!

O que contrasta com o medo de que se aportuguezem expressões gregas é o terror á entrada na linguagem scientifica de vocabulos francezes. Aqui, o peregrinismo prodúz arrepios, indignações e coleras nos puristas. Louvaveis e justificadas são ellas, ainda que uma ou outra vez devam ceder seu palmo de terreno. Quando uma palavra, já em uma lingua estranha, está desviada da primitiva accepção, e na convencionada penetrou outros idiomas, vamos fechar-lhe as portas e dar entrada a neologismo indigesto e feio?

Tal é, para exemplificar, o caso de *crèche*, que os italianos tentam significar por esse horripilante e hellenico vocabulo: *brephotrophio*. No Brazil, onde o *presepio* constitúe um certo facto, annualmente commemorado, a traducção litteral de *crèche* se impõe inaceitavel para as «casas em que se recebem meninos para criar». Já não se dá o mesmo com o termo *enxugo*, em vez do tão introduzido *drain*. Um cirurgião, que reflecta um pouco, empregará facilmente *enxugo* e *tubo de enxugo*, assim como sabios e profanos não recuarão assombrados ante a palavra *crèche*, aqui já em uso, ainda antes de inaugurada a primeira dessas casas de sagrada missão. Seja, porém, como fôr, algum competente poderá descobrir vocabulo tão feliz como foi o *necroterio*, do visconde de Taunay.

Traducções boas do que é technico se recommendam por necessarias, como pela ridiculez confina o apontar a palavra correspondentem ao que é de conhecimento banalissimo. Imagine-se a figura de quem nos venha dizer, como anchuras de sabio, que *jambe* é perna e *nez* é nariz! Pois não incide em menos futil preocupação quem nos ensina que *bourrelet* é orla, e *bourgeonnement*, *gemação*. E o nosso reparo não vá ao dr. Pedro Basilio: elle lá sabe porque julgou opportuno apontar esses «vicios de linguagem», que, — valha a verdade, — depõem muito contra a nossa cultura. Mas, não se póde negar, o assumpto excede o campo da tecnologia scientifica.

Reunindo em sua dissertação, elementos variados, o dr. Pedro Basilio fugiu, cauto, a um escolho: não inventou, não propoz a criação de uma só palavra. Fez bem. A auctoridade, para tanto, é privativa de altos espiritos. Contentemo-nos com interpretar, o melhor que possamos, o que escreveram

mestres da lingua, e não imitemos o sapateiro de Apelles. Que diria de nós um philologo, se não tivéssemos a mais completa noticia de *panturrilha*, por exemplo, o vetusto vocabulo da lingua portugueza? E se justificassemos por A+B, a formação de uma palavra, que existisse já, e de cabellos brancos? e se, querendo bravatear erudição, errassemos no que é mais comesinho em grammatica, como, *verbi gratia*, o valor do suffixo *uro* ou do gerundivo latino?

O dr. Pedro Basilio andou bem, produziu trabalho valioso. Mas, para que não deixemos de emittir uma perdoavel rabugice, ahí vá ella: Porque, citando, innumeradas vezes, expressões gregas, com os caracteres proprios, poz por epigraphe do livro uma phrase de Platão, em francez? O auctor confundiu-se assim com aquelles que citam em latim, e resplandescentes de sabedoria, as palavras pronunciadas por Jesus Christo.

DR. F. F.

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

DO «PRIMEIRO CHACO» AO «ESTABELECIMENTO»

A nossa esquadra encouraçada havia forçado em agosto de 1867, sob o commando do almirante Joaquim José Ignacio, as baterias de Curupaity, e esperava o momento opportuno de tentar a passagem de Humaytá, que os *passados* diziam defendida por innumerados torpedos, dispostos habilmente em xadrez, enormes correntes atravessadas de margem a margem, e capazes de deterem a marcha dos navios mais poderosos, canhões formidaveis e, aos centos, assestados a cavalleiro no alto das barrancas, nas casamatas impenetraveis da *Bateria de Londres* e ao lume d'agua, e tudo que a arte mallefica da guerra inventára de mais destruidor e que o dictador, cauto e feroz, accumulára com odio.

Verificámos mais tarde que eram exaggerados os informes, e que o melhor elemento para a defeza da celebre fortaleza, era a sua incomparavel situação topographica, em uma extensa curva do rio, em fórma de ferradura.

Das famosas correntes, eu vi uma. Era a unica, formada de pedaços de páu esquadriados e ligados por élos grossos de ferro.

O exercito, naquella epocha, não occupava ainda ponto algum á margem do rio, a montante dessa praça forte. Fazer a esquadra passar, então, seria deixal-a isolada e em condições precarias, até que as forças de terra lhe pudessem dar a mão.

O almirante e o marquez de Caxias julgaram, com acerto, que não era che-

gada a hora azada para a perigosa operação.

A nossa esquadra estava fundeada entre Curupaity e Humaytá, e as suas communicações se faziam pelo Chaco, por uma estrada mandada abrir pelo chefe Elisario, depois barão d'Angra.

O meu batalhão, o glorioso 16.^o de infantaria, commandado pelo major Tiburcio, teve ordem de marcha, para ir proteger essas communicações.

Estávamos então acampados, com o grande exercito, em Tuyucú. No mesmo dia, levantámos acampamento e seguimos.

Passámos pelo caminho do passo *Ipu*, e fomos costeando as posições inimigas do celebre *quadrilatero*, até chegarmos ao acampamento de Tuyuty, muito nosso conhecido, onde estivemos mais de um anno regando os seus arraiaes com o nosso sangue e lutando com o cholera morbus, mais terrível do que milhares de Lopez. O cholera, além de dizimar impiedoso as nossas fileiras, corrompia e ia perdendo muitos dos nossos officiaes, que se tornaram quasi alcoolistas por pensarem que esse terrível inimigo os preservava do mal. Triste illusão!

Bivacámos no Potreiro Pires e, na manhã seguinte, embarcámos no porto do reducto da esquerda, na lagôa Pires, que estava cheia.

Pouco depois, entrámos no rio Paraguay e navegámos por elle acima até á barra do arroio *Quiá*, onde o Seixas tinha uma barraca de commercio. Fomos baldeados para lanchões, que subiram o arroio, rebocados por lanchas a vapor.

O *Quiá*, como todos os cursos d'agua do Chaco, figuraria conspicuamente no inferno.

Nenhum Acheronte ou outro qualquer dos cursos d'agua do Averno, teria margens mais feias nem agua tão salobra e ordinaria.

No porto de desembarque, estava abarracado um pequeno contingente de *Fuzileiros Navaes*. Entre os officiaes, lembro-me do José Carlos de Carvalho, que projectava construir um caminho de ferro, e do Henrique Lisbôa, com seus ares de diplomata e aristocrata. Os sympathicos rapazes, guarda-marinhas, nos receberam de braços abertos e nos trataram á vela de libra. Elles, na esquadra, passavam muito melhor do que nós, que geralmente não iam muito além do *picadinho*.

No dia seguinte, marchámos para o nosso destino, o *Porto Elisario*, onde estava a esquadra fundeada.

Pisavamos pela primeira vez, aquelle mysterioso territorio do Chaco, ainda hoje cheio de segredos e prenhe de perigos para o homem civilisado, e onde o illustre Tiburcio tanto brilho deu ao seu nome, enriquecendo a nossa histo-

escrevendo paginas gloriosas no *Livro Mestre do Dezeseis*.

Elle não commandava como os outros. As relações de mostra, os prês, os mappas mensaes e toda essa papelada da *burocracia* militar pouco o incommodavam. Instruia o batalhão ao seu modo, com manobras simples e rapidas, de accôrdo com instrucções organisadas por elle. Lembro-me que a sua formatura de preferencia era em columna de grandes divisões sobre o centro, formado pela quarta e quinta companhias. Desenvolvia em linha, passava para columna e formava quadrado mais rapidamente. Não se mostrava, cada instante, ao soldado, nem se immiscuia em pequenos detalhes do serviço. Além de illustrado, o moço commandante fascinava pela sua palavra energica, brilhante, fluente e cheia de espirito. Sobresaiia a todos os seus commandantes, pelo talento e pela bravura. Si elle nos mandasse, com uma pequena força, atacar outra dez vezes maior, iríamos cheios de confiança, porque o commandante não dava ordens absurdas e sabia o que fazia. Todos nós tínhamos nelle a fé mais absoluta. Inspirava-me um enthusiasmo indescrível. Ainda hoje, quando me lembro d'elle, o pulso bate mais ligeiro e a memoria se povôa de scenas de epopéa.

A primeira vez que o vi, foi no Rio de Janeiro, na questão Christie. Elle era 2.^o tenente de artilheria e estudava na Escola de Applicação da Praia Vermelha; eu fazia os meus exames de preparatorios na Escola Central. A mocidade formou um batalhão e foi ao Paço offerecer-se ao Imperador. Eram todos paizanos.

De repente, no saguão do palacio, appareceu um rapaz franzino, de hombros largos, baixo, olhar intelligente, bigode e pêra louros, com uniforme da Escola Militar. Fallava com calor e gesticulava ainda mais.

— Quem é? — perguntei.

— O Tiburcio.

Elle já era notavel entre os companheiros, pelos estudos brilhantes e pela altivez de character.

Saímos formados pelo Largo do Paço.

Assumi o commando do nosso batalhão e ia na frente dando vivas. Ao entrarmos na rua Direita, vinham outros patriotas, e um delles, o poeta Garcia, trazia uma bandeira nacional. O Tiburcio arrebatou-a. Os patriotas não protestaram. Os daquella epocha eram menos perigosos.

O joven official, em pouco tempo, tornou-se a primeira figura no meio da multidão exaltada: quasi obedecia á sua voz, já um pouco rouca. Era tachado para commandar, aquelle homem extraordinario. Ninguem era mais activo. Vivia em constante movimento.

tou de reconhecer os arredores do campo.

Destacou, em diversas direcções, pequenas forças e elle proprio procurava pôr-se a par dos accidentes e particularidades do terreno, para poder tirar delles o melhor partido, no momento azado.

Era o commandante em chefe das forças de terra; naquelle ponto constituidas, na maior parte, por quatrocentos homens do Dezeseis, que, sob as suas ordens, valiam dez vezes mais.

O nosso acampamento no alto da barranca, dava ao porto um tom de alegria. Dalli podíamos fallar a alguns dos navios da *Divisão de ferro*, fundeados muito proximos. A' nossa direita, via-se o pequeno abarracamento de uma força de *Fuzileiros Navaes*, commandado pelo 1.^o tenente Nunes, cujos subalternos eram os guarda-marinhas Miguel Lisbôa e Mascarenhas, cada qual mais sympathico e distincto. Desde aquella epocha, somos amigos.

O Tiburcio ordenou logo, e elle proprio traçou um reducto em fórma de *barrete de clerigo*, para proteger-nos de qualquer aggressão possivel. Lia muito os *Commentarios de Julio Cesar*, era familiar com as obras de Vegecio, Polybio e o Hygino, o Gromatico. Sabia não só quanto valia um campo fortificado como tambem como se constrúe.

Não decorreram muitos dias e, uma manhã, mandou tocar reunir e saíu, com todo o batalhão, em reconhecimento para o interior do Chaco. Depois de uma marcha de 5 horas, chegámos á margem direita de um rio, que quasi não corria, com barrancas negras e tristes e aguas salobras e escuras. Era o rio do *Ouro*, que desemboca abaixo de Humaytá.

Caminhámos por campos baixos e alagadiços, matizados de capões, povoados de palmares de carandás, com vastos brejaes cheios de juncos e macegaes.

Vimos ás suas margens, bandos de *tahaus* e casaes de *quéro-quéros*, que davam gritos agudos, como sentinelas do deserto.

Passavam ao tróte, longe de nós, emas espantadas.

Pastavam alguns cervos muito grandes, que nos fitavam curiosos, e depois fugiam aos saltos. Descobrimos muitos rastos de indios. Podiam ser de *paraguayos* tambem.

Fizemos alto por algum tempo na margem do rio triste, e, quando chegámos ao *Porto Elisario*, o sol ia se escondendo. Cobrindo o nosso campo, tínhamos uma linha avançada, que apoiava a direita em um banhado, dando aguas para uma sanga profunda que ia ao rio, e, á esquerda, em uma lagôa grande, de aguas tão escuras que pareciam de alcatrão derretido e tão tranquillae que podiam servir em caso

observação de estrellas, que nellas se reflectiam como pontos scintillantes. Humboldt utilisou-se do Rio Negro para determinar as suas latitudes e angulos horarios, e não saíram máus. Allí viviam, em cardumes, piranhas enormes, de intenso brilho prateado, que os soldados, de folga na linha, pescavam, assavam abertas em longos espétos de páu, á moda dos indios.

A lagôa era rodeada de arvores baixas, espinhosas, torcidas, com os galhos povoados de bromelias de vivo colorido.

O Tiburcio mandou, ao voltar, reforçar as avançadas. Tocou-me, para expiar os meus peccados, que aliás não mereciam tanto rigor, commandal-as naquella noite! Que noite aquella! Nunca vi tanto mosquito, nem antes nem depois, nem nas margens do Casiquiare, nos igapós do Cauabury, nas lagunas de Veneza, nas maremmas etruscas, nas Lagôas Pontinas, nos pantanaes do Pilar e nos de New-Jersey que inspiraram o estro de Cutlen Bryant, o grande poeta americano.

Deve ser o Chaco a região predilecta da *malaria*; entretanto, restabeleci-me allí de sezões impertinentes, que me perseguiram muitos mezes em Tuyuty. Já me tinha habituado á intermittencia da febre. A principio, quando vinha o accésso, deitava-me no giráu, si estava no acampamento, e no chão, quando de serviço. Cobria-me com o capote e batia os queixos, como um porco do matto. Vinha depois a febre, que me escaldava e acabava tudo com um suor abundantissimo. A's vezes, tocava reunir o Dezeseis, e, assim mesmo, eu prendia a espada aos *frankeletes* do taliui e entrava em fórma. Outras vezes, era na *Linha Negra*; ouvia-se um tiroteio mais serrado, e corria para o meu posto, tiritando de frio. Felizmente, todos sabiam que não era de medo: era o frio da febre. Ninguem dava parte de doente nas minhas condições: tambem estive sempre *prompto*. Tomava sulphato de quinina, ás colheres de sôpa. Já não sentia tanto o amargor. A febre, porém, não passava. Os soldados diziam que o remedio era falsificado: vinha do Rio de Janeiro, misturado com polvilho.

Ainda hoje, me lembro daquella primeira noite das avançadas no Chaco em que não pude pregar olhos. Si abria a bôcca, os mosquitos penetravam, em nuvens espessas e suffocantes. Não eram muito ariscos e deixavam se matar suave e brandamente, aos centos, aos milheiros, esmagados em pasta molle e denegrada, que se confundiria com a lama daquelles paizes, si não fôsem uns laivos vermelhos de sangue. Tinham aquellas esfomeadas anophéles uma utilidade: conservar alerta as vedêtas. Não era preciso rondal-as: nenhuma seria capaz de dormir ouvindo a zoadá daquellas canti-

lenas e sentindo as ferretoadas dolorosas. Ouviu-se, lenta e compassada, uma musica parecida com a dos atabaques dos indios: eram os tabéfes nas casas das sentinellas. A's vezes, se amiudavam tanto, que se pensaria estar passando debaixo da ponte do Rialto, ouvindo o echo das palmas dos gondoleros venezianos.

No dia seguinte, fui rendido ás 9 horas da manhã, pelo Aurelio de Moraes. Estava de folga, atirei-me no giráu e desforrei-me. Dormi a sonno solto. O meu amigo, capitão Antonio Lopes Castello Branco, passára-a em vigilia tambem, mas por gosto, puxando mandys, de caniço em punho, sentado á beira do rio, junto a um fogo fumoso onde, de vez em quando, lançava pequenos punhados de farinha secca, que tirava dum bernal, e de capim limão, que arrancava ao redór. Que pescador e caçador apaixonado era o Castello! Arranchavamos juntos, e a nossa mesa no Chaco era a mais bem sortida de todas. Raro era o dia em que não tinhamos algum jacú, pato bravo ou carão. A's vezes, comiamos pedaços de veado lardeado. O rio nos fornecia, em abundancia, jacús dourados, mandys e mandubés. Passámos uma vida de *Lopez*, não a dos ultimos mezes da guerra, na picada do Panadero.

Um dia, lembrou-se o commandante de fazer um reconhecimento na margem paraguaya. Os soldados diziam que elle tinha azougue no sangue — nunca ficava quieto. E' que tinha a nitida comprehensão dos seus nobres deveres e esforçou-se sempre por cumpril-os brilhantemente. — Consegui do Almirante duas baleeiras, embarcou cincoenta homens e vogou para a costa inimiga.

Nunca faltei a essas festas do Dezeseis. Fôram counosco o Lisbôa e o Mascarenhas. Gostei de ver aquelles rapazes delicados, mas fortes como o mais robusto dos nossos veteranos. Ao abicarmos á barranca lamacenta, fomos sandados por uma descarga, quasi á queima roupa, de um piquete paraguayo que nos espreitava, occulto atrás das arvores. Saltámos n'agua e, em poucos instantes, corriamos sobre elles de bayoneta cruzada, os perseguimos em algazarra, atravessando cerrados e pantanos, saltando por cima de troncos caídos e deixando pedaços da roupa nas unhas de gato. Os dois rapazes da marinha íam sempre na frente. O Tiburcio, sorrindo, bateu no hombro de um delles e disse:

Bravo, rapaz; vocês parecem officiaes do Dezeseis.

Tinhamos levado quasi toda a banda de cornetas. Nunca deixaram de vibrar na matta inimiga, tocando sempre *Avançar fogo*. Pareciamos muita gente.

De repente, ouvimos perto rufos repetidos de tambor e as notas estri-

mentes e fanhosas, nossas conhecidas dos clarins paraguayos. Estavamos nas proximidades de Curupaity. A praça levantava-se em alarma. O commandante havia satisfeito a sua curiosidade por aquelle lado. Faltava Humaytá, que estava muito longe, para cima. Retrocedemos e seguimos para lá. A cada passo que davamos, novos obstaculos surgiam: — regueiros profundos, de ribanceiras altas e resvaladiças, pantanos de aguas mansas e perfidas, ora lisas como um espelho, ora cobertas das floras alvas dos aguapés; adeante, tremedades matizados de verde relva traídora; espinhos por toda a parte. Vimos carreiros estreitos e tortuosos, com rastos de infantes. Não encontramos mais ninguem. As avançadas estavam todas recolhidas. O Tiburcio deu ordem de retirada para as nossas embarcações. Quando chegámos, estavam encalladas no lôdo. Os homens entraram n'agua e metteram á prôa os hombros robustos. Fluctuaram. Sentia-se perto um ruído estranho. Era uma força inimiga que se acercára. Vinha calada, mas os galhos seccos, que se quebravam, a traíram. O Tiburcio mandou estender alguns homens em atiradores, enquanto os outros embarcavam. Avistámos ao longe, numa volta de picada, uma barretina. Rompemos o fogo; ella passou. Quando todos já estavam a bordo, o Tiburcio mandou: « Embarquem ». Mettemo-nos no rio, com agua até os peitos e, em poucos momentos, trepámos nas baleeiras. Quando os atiradores inimigos appareceram na barranca, já nós vogavamos ao largo, a todo o remo, e, em poucos minutos, approvamos ao nosso porto a salvamento, tendo pregado aos paraguayos um bom susto e passado por outro, valha a verdade. Os paraguayos não se mostraram em força na margem opposta, com receio da metralha dos nossos encouraçados.

Os reconhecimentos do Tiburcio eram tão frequentes, que nós estranhavamos, quando elle não nos dava aquella distração.

Numa manhã calma e tranquilla, depois dos exercicios de pelotão, as nossas avançadas avistaram, ao longe, uma linha, cujos pontos não se distinguiam claramente; devia estar a pouco mais de dous kilometros. Em pouco tempo, viram que havia cavallaria. O official mandou dar parte ao commandante. Estava já á distancia de 1700 metros. Vinha avançando. Tocou chamada ligeira no reducto. Em pouco tempo, o Tiburcio chegava, a galope, na frente do batalhão, de arma suspensa, a marche marche, e fez alto na linha avançada. Tirou o binoculo, que trazia a tiracollo, e visou a força, que marchava sobre nós. Já distinguimos bem a infantaria e alguns cavalleiros; a

distancia não era maior de 1200 metros. O Tiburcio mandou uma companhia estender em atiradores e avançar. O batalhão seguiu em apoio. A força já estava perto; viamos homens marcharem com força regular. Fizeram alto e levantaram uma bandeira branca: queriam parlamentar. Chegámos á falla. Era uma tribu de índios do Chaco. Havia homens semi-nús e mulheres de tipoia, carregando *naturás*, presos ás frentes por tiras de embira. Os cavallos, pequenos e magros, eram montados por guerreiros armados de lança. Não havia armas de fogo. Uns tinham longos arcos e carcazes com flechas; outros empunhavam compridos *tacápes* de *urunday*.

Vinha com elles, como lingua, um correntino, com uniforme de phantasia, muito sujo e galões de tenente. Era um foragido das justiças argentinas. O chefe da tribu era o cacique «Canrrá». O—r—pronunciavam muito carregado. Era um velhinho pequeno, secco, de olhos vivos e feio como um macaço. Tinha por unico uniforme uma longa tira de couro de boi, muito duro, ainda com pello e sem curtir, que lhe ia dos peitos á cintura. Ornava-lhe a cabeça um estranho capacete de pelle de guariba negra, com a cauda caíndo-lhe pelos hombros e confundindo-se com os longos cabellos lisos e duros. Pendia-lhe, ao lado esquerdo, a sua unica arma: uma espada sem bainha, muito comprida, de copos de latão e atada pelo punho ao pescoço por uma tira de couro de anta, bem sovado. Era provavelmente o despojo de algum branco assassinado. Montava um cavallo foveiro, cabano, magro e feio como elle, tendo por unico arreio algumas pelles de abestruz. As rédeas eram tiras sovadas de couro, atadas ao queixo por barbicacho de tentos. Era singular a figura daquelle chefe de tribu, bem differente certamente dos Perys e Ubirajaras, que tanto deleitaram a nossa mocidade. O Tiburcio, romantico como os rapazes daquelle epocha, affeito á leitura amena dos *Tynbiras*, de Gonçalves Dias, do *Uruguay*, de Basilio da Gama, e do *Guarany*, do seu illustre comprovinciano José de Alencar, julgou, talvez, descobrir naquelle tuchána um velho Pery ou algum Jacaúna passado em annos, cavalheiresco e nobre como elles. Convidou-o para almoçar. Queria fazer, talvez, um estudo. O caboclo velho andava, de certo, esfomeado. Isto não é raro. Sentou-se á mesa; olhou para o talher e escondeu a faca no largo cinturão, seu unico vestido. O garfo... pôz de lado. Agarrou com a mão suja um peixe, pelo rabo, e devorou-o inteiro, catando, com a outra mão, as espinhas maiores, e as outras, com a lingua. Atráz do peixe, sumiu-se um

receu-lhe um trago de paraty, numa chicara de ferro. Foi uma revelação para o *Canrrá*, que abocou o gargalo da garrafa, virou-a toda, sem fazer uma careta e pediu, mais, com uma risada alvar. Via-se nos olhos revirados, a extrema delicia indefinivel. Não deu treguas a prato algum. Tudo que estava ao alcance do seu braço longo e magro, elle tomava e engulia. Por fim, havia, na ponta da mesa, uma grande lata cheia de biscoitos de fubá de milho, que d. Maricota, a esposa do commandante, lhe havia mandado do Rio. O caboclo provou um que lhe foi offerecido e comeu a lata inteira. O Tiburcio já estava farto de *Canrrá* e mandou-o embóra. Contavam os rapazes que logo depois daquelle almoço pantagruelico, viram o Cacique no seu campo, de cócoras, junto ao fogo, fazendo as honras, com grande appetite, a um formidavel *costilhar*.

Aquelle bando nomade, depois de alguns dias vividos á nossa custa, levantou o pittoresco *bivac* e seguiu na sua peregrinação, em busca de terras mais commodas para as suas caçadas ou para as pilhagens. A vizinhança tornára-se incommoda, porque, pedinchões, queriam tudo; eram porcos, e tresandavam á gordura de jacaré. Os nossos índios do Amazonas banham-se muitas vezes ao dia. Aquelles não sabem que gosto isso tem.

Todos os dias, o saudoso Antonio Joaquim, o bravo mestre da corveta Izabel, que chegou, pelos seus altos feitos e grandeza d'alma, a capitão tenente da Armada, e morreu gloriosamente, desancando, a cacetadas, os paraguayos que abordaram o seu querido monitor, passava no Luidoya e ia até aos encouraçados de serviço na vanguarda.

Por indiscrição de alguns amigos da marinha, soubemos no Dezeseis, que o Almirante havia convocado um conselho de chefes e commandantes para discutirem a passagem proxima de Humaytá. Nada transpirou então sobre o que deliberaram. Disseram-nos apenas que o Wandenkolk foi de opinião que se devia passar ainda que fôsse boiando sobre a barriga do Almirante e que o Jeronymo Gonçalves, com verdadeiro ardor, propugnára pela passagem immediata, custasse o que custasse. O heroico commandante era já muito conhecido pelo seu temerario arrojo. Constou-nos, tambem, não sei si com fundamento, que houvera um desafio entre elle e um outro illustre official, que depois se cobriu de immorredoura gloria, forçando a passagem no commando da vanguarda.

O rio continuava baixo. Os conhecedores annunciavam proxima uma grande enchente. Seria, então, a occasião de operar. O marquez, capitão

preferiu esperar. Tudo se encaminhava para o fim desejado.

Os brasileiros, depois de baterem os paraguayos em Potreiro Ovelha, tomaram Tayi, no dia 2 de novembro, e metteram a pique dous vapores inimigos. Nesse dia, brilharam os amigos Salles e compadre Costa Mattos, pela precisão das suas pontarias. Já occupavamos um ponto na margem do Paraguay, e os navios que passassem Humaytá poderiam receber recursos e teriam um ponto de apoio.

Todos nós, exercito e armada, desejavamos ardentemente attingir quanto antes Assumpção, nosso ponto objectivo e tinhamos a mais absoluta confiança no nosso grande marechal, cuja vida inteira era um exemplo de bravura e de fortuna, de civismo e de bom senso.

DIONYSIO CERQUEIRA.

(Continúa)

O GUIA DO BRAZIL

Recebemos o *Guia dos Estados Unidos do Brazil*, n. I, anno I, fundado pelos srs. Olavo Bilac, Guimaraens Passos e Bandeira Junior. Preenche uma lacúna: não ha expressão melhor. Era lamentavel que o Brazil ainda não tivesse, como todo paiz tem, um guia, systema Boedecker. Quem conhece o mechanismo de informações, as difficuldades de obtel-as, pela má vontade, preguiça e indifferença do povo, é que pôde calcular o esforço, o trabalho, o heroismo dos auctores do *Guia*. Depois disso, vem a insufficiencia das nossas artes graphicas. O que temos de bom, de supportavel, não serve, para trabalho dessa natureza, porque custa o que ninguem imagina; feito como foi, isto é, o melhor que foi possivel, custa 10\$000; feito como se fazem os similares europeus, custaria mais de 20\$000.

O *Guia* tem falhas; é natural em primeira edição. Mas, o que é essencial lá está, perfeitamente notado. Tem dois mappas, admiravelmente acabados — a planta do Rio de Janeiro e o do Brazil. E' traduzido para o francez pelo sr. Roberto Gomes; o volume é elegante, pequeno, portátil emfim, como convém a essas publicações.

Os que, com razão até certo ponto, duvidavam do empreendimento, vêem, agóra, que, já se tendo feito alguma coisa, muito mais ha de se fazer quando os descrentes tiverem o trabalho, ao menos, de não desanimar os outros, o proximo.

O *Guia* fez successo e será um livro de primeira necessidade.

“Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente en-